



BOLETIM ●

DA COMISSÃO CATARINENSE
DE FOLCLORE

ANO XLI - Nº 59 - 2008

EDIÇÃO Nº59
Florianópolis/SC-2008

Pede-se permuta
Piedese canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim

Diretoria Executiva da Comissão Catarinense de Folclore
Mandato de 2006 a 2010.

Edição e Direção:

Nereu do Vale Pereira
Presidente
Maura Soares
Vice-Presidente
Francisco do Vale Pereira
Secretário
Gelcy José Coelho
Tesoureiro

Conselho fiscal

Carlos Alberto Angioletti Vieira
Osvaldo Ferreira de Melo
Acyr Osmar de Oliveira

Endereço para correspondência:
Rodovia Baldicero Filomeno, 10106.
Costeira do Ribeirão – Ribeirão da Ilha
88064-002 – Florianópolis – SC

BCC



Capa — Amostra de cerâmicas utilitária e decorativa e peças de trançados e rendas de bilros da Ilha de Santa Catarina.

Digitação – Vinicius Pereira Fernandes

Revisão – Vinícius Pereira Fernandes

Composição – Prof. Nereu do Vale Pereira

Editoração e impressão - Postmix Soluções Gráficas

ÍNDICE

- 1- **Editorial** - Presidente Nereu do Vale
Pereira.....p.5
- 2- **Centenário de Franklin Cascaes** – Palestra do Prof.
Nereu do Vale Pereira no Instituto Histórico e
Geográfico de SC.....p. 7
- 3- **Relembrando** – A Visita de Renato Almeida a Santa
Catarinap. 21
- 4- **Poema “O Boi”** – Márcia Reis Bittencourt .p. 23
- 5- **Contribuição de outros Estados** – Afonso M. da Silva
– Comissão Fluminense de Folclore - Folia de
Reis.....p. 37
- 6- **Notas sobre os Ternos de Reis em Santa
Catarina**.....p. 45
- 7- **Causos de Canelinha** – Ilse Maria Paulino
Gomes.....p. 48
- 8- **O Trem da Canelinha** – Luis Bastianip. 49
- 9- **O Causo das Calças** - Ilse Maria Paulino
Gomes.....p. 51
- 10- **O (Des)Leitor** – Ilse Maria Paulino
Gomes.....p.52
- 11- **As velhas aventuras do velho Rocha** – Luis
Bastiani.....p. 54
- 12- **O Feijão no Fogo** – Valter José
Pacheco.....p. 55
- 13- **O Varto** – Valter José
Pacheco.....p. 56
- 14- **A Rádio Confusão** – Luis Bastiani..... p.56
- 15- **Os Dois Medrosos** – Waltrudes
Laus.....p. 58
- 16- **O Caso dos Bêbados** - Valter José
Pacheco.....p. 58
- 17- **O Bazar da Festa** – Maria Salete
Montebeller.....p. 59
- 18- **A Delegacia e o Delegado** – Maria Salete Montebeller
.....p. 60
- 19- **Me Elejo ou Me “Aléjo”** – Maria Salete
Montebeller.....p. 62
- 20- **Devagar com o Andor que o Santo é de Barro** – Maria
Salete Montebelle.....p. 63

21- Histórias de Caçador – Luis

Bastiani.....p. 64

22- A Inauguração do Posto de... – Luis de Bastiani

.....p. 65

23- UND X PSD – Maria Salete

Montebeller.....p. 67

24- A cobra que mamava o leite do

bebê.....p. 68

25- Boi-de-mamão – Uma reflexão sobre cultura – Didi

Silva..... p.69

26- XIV Congresso Brasileiro de Folclore 2009 p.69

Editorial

Presidente Nereu do Vale Pereira.

Comemorou-se em 2008, os 60 anos de criação da Comissão Catarinense de Folclore que foi fundada no dia 07 de outubro de 1948 na Ilha de Santa Catarina, durante a realização do “Primeiro Congresso de História Catarinense”, evento programado pelo Instituto de Histórico e Geográfico de Santa Catarina (fundado em 1896) para festejar e estudar com detalhes mais significativos a COLONIZAÇÃO AÇORIANA, processo comandado pela coroa portuguesa e executado entre 1747 e 1756, quando 6020 pessoas(em casais) deixaram aquele arquipélago português e chegam ao Brasil Sul para povoa-lo e assegurar as terras de Portugal até o Arroio Chuí.

Durante esses sessenta anos, além de editar 58 revistas com temas folclóricos catarinenses, denominadas de BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, realizou mais de duas centenas de eventos locais, nacionais e internacionais, participando de todos os Congressos Brasileiros de Folclore e editorou 18 livros com conteúdos específicos do folclore estadual.

O acervo de artigos, notas, notícias e informes diversos dentro do Boletim que é hoje consultado por incontável número de pesquisadores e de quantos buscam conhecer as manifestações populares e folclóricas catarinense.

Tem sido este Boletim, um valioso instrumento de defesa, preservação e divulgação desse rico e colorido mosaico cultural catarinense quando incorpora, além da básica e principal cultura luso-açoriana dos séculos XVI-XVIII, as diversidades étnicas que constituíram esse mosaico como: cultura alemã, cultura italiana, cultura polonesa, cultura tiroleza, cultura ucraniana, cultura libanesa, e tantas outras mais recentes.

Nos últimos números 57/58 o leitor encontrou, além de um termo de reabertura dos trabalhos da Comissão Catarinense de Folclore sobre o comando de uma nova diretoria, como que uma reabertura do “Livro de Atas”, contemplou a republicação do texto de apresentação do Boletim nº 01, ano I, que relatava como aconteceu a fundação da então Sub-Comissão Catarinense de Folclore, registrando todos os seus fundadores.

Para comemorarmos festiva e culturalmente esses sessenta anos, em conjunto com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, foi realizada uma sessão solene onde foi orador oficial nosso Presidente, Prof. Nereu do Vale Pereira.

A data escolhida não foi o 07 de outubro por várias e compreensíveis circunstâncias, mas o 12 de novembro e incluindo também no evento a comemoração do centenário de nascimento do grande folclorista catarinense Franklin Joaquim Cascaes, falecido no ano de 1983, deixando uma monumental obra de recolha e registros de vários aspectos do nosso folclore, com ênfase para o imaginário popular e o universo bruxólico.

Foi uma sessão muito concorrida com a presença de uma centena de estudiosos e historiadores que ficaram entusiasmados com 01 relator e as apresentações artísticas.

O texto do presidente é o conteúdo das primeiras páginas deste boletim da Comissão Catarinense de Folclore, nº 59, ano XLI – 2008.

2 – PALESTRA NA SESSÃO COMEMORATIVA DO ANIVERSÁRIO DA CCF E CENTENÁRIO DO FOLCLORISTA FLANKLIN CASCAES

Presidente Nereu do Vale Pereira e Sócio Emérito do IHGSC

Ilustres Confreiras e Confrades de celebres jornadas do nosso centenário e consagrado Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Senhores e Senhoras admiradoras de Franklin Joaquim Cascaes e demais presentes que integram a sexagenária Comissão Catarinense de Folclore. Como não poderia deixar de ser, nosso Instituto, que sempre teve o cuidado e devida atenção de referenciar vultos da memória catarinense, não poderia deixar de assinalar, neste ano de 2008, a figura de Franklin Joaquim Cascaes.

Também estamos celebrando os 60 anos de fundação, por interferência direta deste nosso Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da Comissão Catarinense de Folclore, fato ocorrido aos sete de outubro de 1948 quando se realizava o Primeiro Congresso de História Catarinense para comemorar os duzentos anos da *Colonização Açoriana*.

Assim, neste ano, estamos com méritos e honra, a recordar o centenário do nascimento de Franklin Joaquim Cascaes. Foi um nascimento que ocorreu aqui bem próximo da Ilha, na área continental fronteiriça, em território que naquela época integrava ao município de São José e, até hoje reconhecida com o belo topônimo guarani – ITAGUAÇÚ. O nascimento de Franklin Joaquim Cascaes ocorreu aos 16 de outubro de 1908. Este é o marco inicial da vida deste grande pesquisador e registrador da cultura popular da gente litorânea catarinense e, mais especificamente, da Ilha de Santa Catarina.

Registro que não será minha preocupação, nesta palestra, oferecer aos Confrades e Confreiras um documento histórico baseado em farta documentação que adquira uma roupagem puramente científica. Também não vou elaborar ilações ideológicas como tem sido moda no mundo presente acerca de muitos relatos de vidas ilustres. Há, inclusive recentemente, algumas abordagens sobre a vida e obra de Cascaes que estão direcionadas para a obtenção de *avanços ideológicos*.

Não terá nossa fala, de outro lado, a preocupação de apresentar a obra de Cascaes. Ela é sobejamente conhecida dos estudiosos aqui presentes.

Algumas referências sobre sua vida e ora, e seus caminhos institucionais, estão registrados numa pequena exposição com documentos e fotos que ilustram iconograficamente nossa palestra.

Desejo como que dialogar com os Senhores e Senhoras fazendo uma narrativa coloquial das relações que tive de longos anos com a figura que hoje é homenageada.

Eu conheci pela primeira vez Franklin Cascaes em 1941, portanto tive, desde 67 anos atrás, contatos com ele. Já no ano seguinte, 1942 passei a conhecê-lo mais concretamente, vez que em fevereiro desse ano experimentei a vida de ser seu aluno de desenho e modelagem. Estava eu iniciando um curso profissionalizante na então Escola Industrial de Florianópolis que funcionava no prédio onde esta atualmente a sede Administrativa do BADESC. O curso que freqüentaria seria, alias como foi, o de mecânica de máquinas que não tinha qualquer vinculação com a modelagem onde o Professor Franklin Cascaes era instrutor. (Aliás, instrutor não era o mesmo que Professor, questão que muito aborreceu Cascaes durante toda a sua vida, como veremos mais adiante). O ensino profissionalizante passou por muitas transformações no sistema educacional Brasileiro, iniciando como Liceu de Artes e Ofícios, depois como Escola de Aprendizes Artífices, a seguir Escola Industrial, justamente a partir de 1942 quando nela me matriculei e, hoje, Centro Federal de Educação Tecnológica, em transformação para centro superior de estudos tecnológicos.

Desde 1942, até o seu falecimento em 1983, tive oportunidade de estabelecer com ele uma convivência de longa e segura amizade. Recordo-me dele com profunda saudade. Era uma figura exótica. Fora do cotidiano comum. É essa expressão que eu procuro colocar para Franklin Cascaes, um tipo humano exótico, fora do ordinário comum e caráter íntegro mas de difícil relacionamento. Procuro dizer que essa vivência que tive com Cascaes constituiu uma experiência que talvez me tenha estimulado na dedicação aos estudos da cultura popular de Santa Catarina, isto é, o folclore catarinense com especial atenção para aquele peculiar a vida dos ilhéus, os Manezinhos desta Ilha Paradisiaca.

Façamos também, uma ponte entre esses anos 40 do século XX, e a figura de Cascaes com o outro evento que estamos comemorando agora em 2008, o sexagésimo aniversário de vida da Comissão Catarinense de Folclore por mim presidida na atualidade e da qual contamos, neste auditório com vários de seus afiliados.

Então, quando em 1948 se realizava o já referido Primeiro Congresso de História Catarinense comemorativo do bicentenário da Colonização Açoriana (ênfase colonização açoriana e não povoamento), o folclore, que estava se tornando a matéria pesquisa de Franklin Cascaes, surgia intrinsecamente aí ligado, e, daí o porquê da fundação da Comissão Catarinense de Folclore. Uma coisa estava ligada à outra, ou, segundo Castro Alves, *"Como uma fatalidade desta que vem do além"*.

Do outro curso da história desterrense estava nascendo, também por um acaso dos tempos, um grande e autodidata pesquisador. E, talvez nessa inspiração, sua linha de estudos de cultura popular, ligou-se com a cultura açoriana, sua maior coletânea de relatos.

É bom recordar que desde 1940 nascia no Brasil uma corrente de estudiosos liderados por Renato de Almeida, Silvio Romero, e alguns outros com a preocupação do resgate e defesa do folclore brasileiro. Estudos de cultura popular.

É, também, em 1940 que Franklin Cascaes é descoberto, identificado por um cidadão denominado Cid Rocha Amaral, engenheiro piauiense, que teria vindo para Santa Catarina, designado por Getúlio Vargas em 1938 para dirigir a então Escola de Aprendizizes Artífices, depois Escola Industrial. Uma escola que cujo modelo deve corar o atual sistema escolar brasileiro. Era uma escola de tempo integral onde se administrava e ministrava um estudo profissionalizante totalmente gratuito, sendo que os alunos em suas oito horas de estudos diários recebiam alimentação, material escolar, assistência médica e dentária e tudo mais necessário dentro do estabelecimento. Como pensar em tal sistema hoje em dia?

Cid Amaral se casando em Florianópolis, foi morar em Coqueiros e lá ficou sabendo, por intermédio de sua esposa que era professora em Itaguaçu, das obras artísticas que Cascaes já iniciara a esculpir em barro ou entalhar em madeira. Conheci a esposa de Cid Rocha Amaral, a Professora Dona Luisinha, pois, sua família tinha relações de amizade com a família de meu pai e minha mãe.

Cid Rocha Amaral passou a apoiar os estudos do jovem Franklin. Como a Escola de Artífices contratava instrutores, homens sem titulação acadêmica, porém, com boas experiências profissionais e muitos *conhecimentos práticos – denominação aos mestres da época* - percebeu que o jovem Franklin poderia ser útil no setor da Escola que tratava de esculturas e modelagem de afrescos para as construções civis e o contratou.

Os que estão presentes sabem que nas primeiras décadas do século XX as edificações residências e públicas seguiam uma concepção arquitetônica denominada de *art nouveau* onde, tanto platibandas com as aberturas de portas e janelas, eram decoradas com artefatos, ou afrescos esculturais os mais diversos e belos. O aprendizado dessa técnica era fundamental na formação da mão de obra para tais práticas e Cascaes poderia ser útil nesse ensinamento. Poderia ir até a criação e também na criatividade de novos modelos. Cascaes já sabia trabalhar com a argila. Talvez necessitasse apenas de um burilamento e instruções e, na sessão de escultura e modelagem da Escola Industrial, teria o Professor Manuel Portella chefe do setor que era um escultor paulista consagrado que tivera vindo para ser professor. Embora já idoso e tendo convivido pouco mais de quatro anos como chefe de Cascaes, foi o primeiro a interferir na educação técnica de Cascaes. O material utilizado nessas tarefas era naturalmente o barro ou argila e o gesso como etapa final. Logo a seguir o gesso também vai ser substituído pela modelagem em cimento.

Quero então caracterizar essa etapa, pois, foi dentro dela que Franklin Cascaes aprimora sua técnica em escultura e alcança melhor desempenho na produção e criação para as quais se exige o conhecimento e prática do desenho ornamental. Foi todo um caminho no aprendizado que lhe vai servir como ferramentas básicas na sua pertinácia de colher interpretar e configurar objetos e leitura do imaginário. Tornou-se logo a seguir um excelente instrutor de desenho ornamental sendo professor de milhares de estudantes. E como foi útil para ele na arte de levar para o papel e para o barro aquele rico espectro do bruxólico, do imaginário, do profético, do lírico e do impossível conhecimento e criatividade popular de origem açoriana da Ilha da sua *Ilha das Bruxas*.

Seus alunos, eu talvez entre eles, frequentemente eram animados a transitar por esses imaginários e até como levar tais idéias para esculpir ou desenhar algo que fosse belo colocar nas construções de casas e edifícios. Colocando datas, Cid Rocha Amaral descobriu Cascaes em 1938; em 1940 o levou para os primeiros estudos ainda na escola e nesse mesmo ano para um curso noturno de desenho; em 1941 é contratado para ser instrutor (recordo ter dito que nessa época os instrutores não necessitavam de titulação, mas, somente consagrada prática profissional).

Para este tipo de procedimento Cascaes se adequava. Vejam que situação circunstancialmente interessante, no momento que se dá o início da vida artística de Cascaes, também se desenha sua trajetória como professor. No futuro quando de sua aposentadoria, vai ele sentir-se marginalizado e desprezado por não ter uma titulação legal para o exercício do magistério, o que era exigido legalmente e muito requisitado e criticado por seus colegas que as e sentiam desprestigiados tendo colegas ilegalmente habilitados.

Na sua função de instrutor de desenho (tenho aqui expostos alguns desenho que foram produzidos segundo as orientações de Cascaes) e da arte de escultura e modelagem é que se dá início meu relacionamento duradouro com o mestre Cascaes.

Então, realmente esses episódios devem ser recordados por serem momentos interessantes na nossa formação.

Esses momentos devem ser recordados porque fazendo todas essas referências e co-relações entre a presença de Cascaes com pessoa, do Cascaes como folclorista no estudo da cultura popular, uma mistura aqui de cultura popular e folclore, é que se pode o entender o surgimento da Comissão Catarinense de Folclore.

É bom relembrar que aquele foi o momento quando dentro do Congresso realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico que o saudoso e emérito sócio o Professor Oswaldo Rodrigues Cabral em trazendo para Florianópolis a figura de Renato Almeida, então Presidente da Comissão Brasileira de Folclore, lança a proposta de se fundar uma instituição local para estudar, proteger defender e divulgar o nosso folclore. Cabral foi apoiado e seguido por ilustres figuras de nosso Instituto tais como Henrique da Silva Fontes, Almiro Caldeira de Andrade, Vitor Antonio Peloso Júnior, Oswaldo Ferreira de Melo, Almiro Caldeira de Andrade, Roberto Lacerda, Walter Piazza e muitos outros, todos reunidos sob a presidência de Renato Almeida no dia 7 de outubro, de 1948, às 16 horas e durante o Congresso de História Catarinense, decidem de criar a Comissão Catarinense de Folclore. Na época denominou-se de Sub-Comissão, pois que a estrutura era de uma Comissão Nacional e integrada por subcomissões estaduais, quando hoje cada Estado possui vida autônoma e personalidade jurídica própria e com todos os registros de uma associação civil de direito privado. Vejam que é um episódio marcante de recordar.

Essa vida de Cascaes, nesta vivência de Cascaes que o atual momento enaltece, na época citada, era apenas uma figura talvez promissora, mas que não era conhecida.

Osvaldo Cabral que era, e foi quem liderou todo o processo de estudos folclóricos em nosso Estado durante muito tempo, pelo menos até por volta de 1965, não conhecia Cascaes. Pouco ou nada sabia de Cascaes. Porque então citá-lo aqui e agora?

Por que consideramos tal episódio como ponto principal do nosso evento de hoje. Não só festejar Franklin Joaquim Cascaes no seu centenário de nascimento, mas também festejar a iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de patrocinar e estimular e abrigar em seu contexto a Sub-Comissão Catarinense de Folclore. E essa Subcomissão Catarinense de Folclore começa a atuar tendo justamente na coordenação dela Almiro Caldeira de Andrade associado do Instituto e participante ativo do Congresso de 1948. Almiro faleceu ano passado e registramos uma saudosa memória.

É Osvaldo Rodrigues Cabral o animador e orientador como suporte interessante de recordar.

Voltemos então a Cascaes, deixando agora o evento dos 60 anos de vivência da Comissão Catarinense de Folclore.

Lembrei ainda pouco que desde 1942 tive um convívio mais estreito com Cascaes, embora já o conhecesse desde 1940.

Os alunos que freqüentavam a escola antes de definir a profissão que desejavam abraçar ou a especialidade técnica que desejavam dominar faziam uma espécie de rodízio em cada um dos setores profissionais da escola buscando descobrir habilidades e pendoros vocacionais.

Então tive que fazer uma passagem pela seção de modelagem onde Cascaes era o instrutor. Tal experiência não me cativou. Fui adiante e me fixei na operação de máquinas de usinagem, denominadas de máquinas operatrizes, cujo curso conclui em 1945. E, depois, logo a seguir, Cascaes passou a ser professor de desenho, desenho ornamental.

Na técnica nós tínhamos duas modalidades de desenho: o desenho técnico, um desenho sob rígidas regras e metodologias como o compasso, a régua T, o transferidor, o esfuminho, o tira-linhas, o normógrafo, a prancheta, enfim, uma série de equipamentos. E de outro lado o desenho chamado de ornamental que era de reproduzir objetos naturais e ensinar criatividade tendo Cascaes como o mestre.

Na outra modalidade, desenho técnico, os professores eram engenheiros especializados. Já nessa época, Cascaes em suas aulas, começava a falar sobre os Engenhos de Farinha de Mandioca, começava a falar sobre as crendices, sobre as benzedadeiras, sobre as

nossas capelas no interior da ilha – que ele tinha muito desejo de fazer desenho dessas capelas, interpretando suas histórias. Comecei a ver que Cascaes durante as aulas de desenho, enquanto a gente rabiscava com os lápis e tinham espaços, começava a conversar justamente nesses assuntos, a contar a questão das estórias de bruxas... Revelava o pendor para estudar esses detalhes do cotidiano da Ilha de Santa Catarina.



Franklin Cascaes: “Como sou bruxo, fazendo essa vassoura de objeto voador, vou para o Brasil (apontando) saindo da terra de meus parentes Cascaes”. (Cascais - Portugal)

Ao final dos meus estudos na Escola Industrial, Cascaes já teria se casado, embora com a dor de não ter filhos, mas que viveu sua vida de paixão com a sua querida esposa, Elizabeth Pavan.

Mais tarde, quando já viúvo, e ter quase visualizado o fim linear de sua vida, adotou como sua a filha de sua empregada. Ajudou a criar e educar essa menina, hoje uma senhora.

Fechando este parêntesis, retomo a narrativa de que Cascaes iniciou sua vida de artista e com larga produção, misturando suas aulas de desenho, suas atividades de professor da Escola Industrial e de pesquisador sendo assim até ao seu final com aposentadoria na já Escola Técnica Federal de Santa Catarina.

Na sessão de modelagem da Escola Industrial tinha um laboratório, um pequeno espaço já abarrotado de bonecos e bonecas

de barro. Em 1943 aconteceu um grave incidente na Escola com alunos que freqüentavam o serviço militar dentro de uma Organização denominada EIM 205, Escola de Instrução Pré-militar, que garantia o certificado de reservista para quem tinha completado 16 anos, e estivesse regularmente freqüentado um curso técnico. No incidente, um aluno ao limpar seu fuzil o fez disparar contra si próprio e faleceu. Cascaes lançou uma campanha para se construir uma estatua para o jovem, e a levou adiante. Ele mesmo esculpiu o homenageado. Paralelamente ao trabalho de esculpir a estátua, modelava em barro suas interpretações das bruxas, da mula-sem-cabeça, do boi-tá-tá...etc. Tais figuras recebiam primeiramente exercícios pelo desenho, alias muitos desses desenhos formam o acervo de Cascaes no Museu Universitário. Desenhava sempre em cartolina.

Com a transferência da Escola Industrial da Rua Almirante Alvim para a Avenida Mauro Ramos, Cascaes perdeu seu espaço dentro da Escola, e passou a trabalhar apenas em sua casa da Rua Júlio Moura em espaço bastante apertado e nada confortável. Era uma desordem organizada. Os desenhos sobre qualquer papel, que mais tarde seriam muitos, resultavam de desenhos sobre pontas aproveitáveis de papéis diversos, inclusive de embalagens.

Aproveitava qualquer ponta de papel e acrescentando às folhas colagens as mais engraçadas. São peças curiosas e impactantes partes integrantes de seu legado arquivado no Museu Universitário.

Cada desenho é uma leitura do imaginário ilhéu. Realmente a vida de Cascaes começa a ganhar corpo e à proporção que a Escola Industrial cresce, cresce também a obra de Cascaes em suas viagens pela ilha, feita de ônibus, feita de carroça, porque automóvel só vai surgir nos anos 63 quando compra a sua lendária Kombi.

Quando vereador, desde 1955 até 1962, várias vezes Cascaes me procurou, e eu tive oportunidade de colaborar, para que recebesse da Prefeitura algum ambiente no interior da Ilha para apresentar suas obras. Fizemos algumas exposições no Ribeirão da Ilha, em Ratones, na Lagoa da Conceição, sempre com apoio da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Assim teve início a divulgação e conhecimento de sua obra.

Esse é um contexto que vai animando a vida de Cascaes. Uma curiosidade é que ele foi morar numa casa da Rua Major Costa, a qual se chama hoje Júlio Moura, casa número 31, por ele alugada e, sabem de quem? De Oswaldo Rodrigues Cabral.

Nessa casa Cascaes passou o resto de sua vida e é dentro dela que a maior parte sua obra foi produzida. Era o seu ambiente de

criação artística. De qualquer maneira vejam que foi uma coincidência interessante. O médico grande antropólogo, historiador e folclorista Osvaldo Cabral e Franklin Cascaes. Realmente a casa de Cascaes passou a conter oportunidades para as pessoas irem lá ver em barro suas construções e interpretações de figuras importantes da Ilha de Santa Catarina; de cenários importantes do cotidiano ilhéu e de sua religiosidade mítica e mística, como a procissão do Nosso Senhor Jesus dos Passos, as festas do Divino Espírito Santo, a procissão do Senhor Morto, e outras e tudo concebido em argila crua. E, a par disso, ele procurava trazer para a cartolina e para o papel, (até como já se disse, em papel de embrulho) desenhos e mais desenhos criativos, fazendo uma leitura do imaginário. Ora, como desenhar a mula sem cabeça; o boi ta tá, o lobisomem a procissão das almas; a bruxa e o bruxo; etc. Como figurar tais imagens do irreal? O povo inventa as coisas, cria o imaginário, as bruxas, assembléia de bruxas, as crianças mordidas pelas bruxas, o sangue das crianças chupado pelas bruxas. Como esses fenômenos podiam ser trazidos para uma prancheta, para um desenho.

E a obra de Cascaes começa a fluir nessa linha. E aí neste terreno que ele mais vai se consagrar, porque é interessante que até as pessoas mais intelectualizadas que dizem não acreditar na existência de bruxas, ao saberem que Cascaes se dedicava desde muitos anos a esse estudo com relatórios sobre bruxaria na ilha, iam procurá-lo.

Começam a aparecer até trabalhos de doutoramento. Pessoas letradas, para defender teses de doutorado; iam buscar em Cascaes informações sobre as bruxas. *Io non creo que existem, mas que las há, las há*, diriam...

Tudo parece como uma contradição. Sendo lendário, se é popular uma bruxa talvez representando um morcego hematófago chupando sangue de uma criança no pescoço, onde o morcego hematófago costuma encontrar como melhor lugar porque pega justamente a veia jugular, etc.; como explicar cientificamente tais possíveis realidades? Muitos desejam projetar-se explorando a obra de Cascaes e não buscando como que valoriza-la, mas inclusive, buscando extrair inferências ideológicas de um materialismo histórico, etc..

Um capítulo de encontro entre a cultura erudita e a popular. Entre as realidades passíveis de comprovação material e científica com um confronto entre irreal com o imaterial e o abstrato.

Cascaes estudou exaustivamente as formas como primitivamente se recorria a argilas e vegetais os mais variados para

obter tintas e composição de cores; perquiriu profundamente a propriedade medicinal de muitas plantas e a obtenção de curas por intermédio das benzeduras e de outras rústicas formas de terapias e medicamentos; transitou pela leitura metereológica popular onde até o ato do gato lavar o rosto serviria de uma previsão de tempo; Etc.etc.

Um embate entre cultura erudita e a chamada cultura popular. Entre aquilo que se possa dizer como credices, como imaginário e aquilo que seja o real, o concreto, mesmo que seja o concreto com certa linha de abstração. Temos aqui um Cascaes novamente como foco de referência.

Dentro desta contextura é que a modesta exposição aqui organizada mostra com algumas fotos da obra de Cascaes. Temos certos textos de Cascaes, figuras pessoais, fotos com ele aparecendo que estão à disposição para depois apreciarem um pouco em nosso ambiente aqui do Instituto.

Sempre é bom voltar a considerar algumas coisas que desejava nesse momento. É a relação, ou a correlação, de Cascaes com os estudos açorianos. Como sabem os presentes, esta área de estudos sobre a presença açoriana em Santa Catarina, tem sido uma forte diretura de minhas pesquisas e produção científica.

Foi a partir de 1960 que Cascaes aprofundou-se na linha de realizar estudos comparados do imaginário ilhéu catarinense com a contribuição da colonização açoriana. Estaria associando à vinda de cultura lá dos Açores pra cá. Cascaes fez algumas exposições sobre esta temática. Por que este lembrar agora?

É que quando, em 1962, tendo eu ingressado na docência da UFSC, introduzi em minhas aulas os estudos açorianos, e nesse ano que me associei à Comissão Catarinense de Folclore. Aproximo-me ainda mais de Cascaes e suas pesquisas. Alguns anos após em 1971, quando se implanta a reforma universitária, sou lotado no Centro de Estudos Básicos e lá fui responsabilizado pelo Reitor a organizar o Departamento de Sociologia que abrigaria evidentemente também a antropologia, a cultura popular, e outras questões pertinentes.

Tive, então a preocupação de reativar a Comissão Catarinense de Folclore porque ela estava desativada já há algum tempo, aproximadamente desde 1965. O Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, que até então respondia pela presidência da Comissão Catarinense de Folclore, havia se desinteressado ou tinha tido algum desentendimento com alguns membros da Comissão e afastou-se da função sem transferir o comando.

Ficou ela à deriva, acéfala. Esquecida. Então me preocupava esse fato e desejava ser um agente que pudesse influir na reativação desta instituição. Doralécio Soares estava despontando também na linha do folclore, já oficiosamente se apresentava no exercício da vaga Presidência.

Ao se falar de Doralécio Soares é dever fazer alguma referência sobre ele que era vizinho fronteiro de Cascaes, na Rua Júlio Moura. Que curiosidades e coincidências interessantes, no desenrolar da vida em sociedade os fatos se entrelaçam.

Doralécio também foi um pesquisador, profissional qualificado e excelente folclorista que veio de Recife para ser professor na Escola de Aprendizes Artífices no setor de artes gráficas para a elaboração da clicheria. Doralécio, quando casa, vai morar na Rua Major Costa defronte a casa que Cabral alugara para Cascaes. Agora é visinho de Cascaes. Um professor titulado e, no dizer de Doralécio, recebendo um *“vizinho remendão e quase analfabeto”*.

Contudo, o tempo, passa a dividir seus estudos com Cascaes o seu vizinho fronteiro. Nunca se cheiraram bem. Mantinham contados de estudos, troca de informações, porém sem se ter despontado forte amizade. Lembro mais uma vez que o temperamento de Cascaes oferecia resistência à muitas intimidades ou afagos amistosos.

. E foi Doralécio que ao assumir a Presidência da Comissão Catarinense de Folclore começava a re-editação do Boletim oficial da Comissão. Por isso, quando desejei interferir nas atividades da Comissão Catarinense de Folclore convoquei uma reunião no Departamento de Sociologia esperando contar com a presença de todos quantos se envolviam no assunto. Entendia quer precisávamos discutir em comum o que deveria ser feito para dinamizar a nossa comissão.

Para essa reunião eu convidei Osvaldo Cabral, Silvio Coelho dos Santos, Luiz Carlos Halpap, Franklin Cascaes, Valter Piazza, Ana Maria Beck, Prof. Zuleica Lenzi, Antenor Napolini, e muitos outros que tinham alguma relação com o folclore. O objetivo único era o de reativar a nossa Comissão e se possível contar com o apoio institucional de UFSC.

Essa reunião foi curiosa porque na medida em que eu convidei Franklin Cascaes eu fui descobrir uma questão realmente lastimável, mas real. É que a maioria dos estudiosos considerava Cascaes um analfabeto, um homem sem estudos, alguém que não podia estar no meio intelectual universitário discutindo e conversando. Como agora querer colocar Franklin Cascaes, com Osvaldo Cabral, e outras

figuras importantes. Resultado é que essa minha reunião foi um verdadeiro fracasso. Alguns dos presentes até se levantaram e foram embora. Não admitiram a presença de Franklin Cascaes.

Esse fato é até bom de recordar e citá-lo porquanto agora vejo muita gente que assim pesava ou até ainda pensa, vem neste centenário procurar extrair dividendos pessoais. Querem, no dizer popular “*tirar uma casquinha*”, e se apresentando como grandes interpretes de obra cultural de Cascaes.

Doralécio Soares entendeu aquele momento e, desde 1971, assume oficialmente a Presidência da Comissão de Catarinense de Folclore e a conduz até 2007 quando pede afastamento em função de sua avançada idade. É um vulto que está a merecer uma sessão de destaque de nosso Instituto Histórico e Geográfico. O Boletim passa a ser reeditado como já se também nessa palestra. Os desafetos entre Cascaes e Doralécio não se eliminaram com Cascaes atirando para todo lado as características de *nordestino intronizado para o Professor Doralécio Soares*.

Quando estamos comemorando os 60 anos da Comissão Catarinense de Folclore, torna-se pertinente à referência de tais episódios.

Neste contexto vou introduzir Cascaes como folclorista e estudioso da cultura açoriana. Desejo recordar um outro importante e histórico fato. Em termos de estudos açorianos é de justiça relembrar que o então Prefeito de Florianópolis o Senhor Esperidião Amim Helou Filho, no ano de 1975, que conhecendo o trabalho de Cascaes tratou de providenciar meios e recursos para enviá-lo até aos Açores numa viagem de estudos comparados. Para tanto elaborou um projeto cultural solicitando apoio financeiro do Governo Federal quanto exigisse em passagens, estadia e todo o mais necessário e incluindo os custos da companhia de um assessor. Para minha surpresa e gratidão fui convidado para ser tal assessor. A execução do projeto só foi possível em 1979 quando Amim não era mais o Prefeito, porém Secretário de Viação e Obras Públicas do Governo do Estado. Mas, eu lá fui em 1979 acompanhando Franklin Cascaes para os Açores.

O Prefeito Esperidião Amim também estava preocupado com a preservação das obras de Cascaes e passou a tentar um convênio da Prefeitura com Cascaes e que, se possível, envolvesse a UFSC. Uma minuta dessa proposta de convênio guardo em meus arquivos, (vez que mesmo depois o convênio final, o qual para a sua finalização contou com a minha participação tanto que o assino como testemunha e fui o relator no Conselho Universitário) repito o original deste

convênio está aqui exposto e o conservo em meus arquivos pessoais. O governo do Estado tentou acenar para Cascaes a compra de seu acervo para anexá-lo à Casa dos Açores em Biguaçu, então coordenada pelo seu fundador Antônio Nóbrega Fontes. Tenho, também, em meus arquivos pessoais as cartas que aconteceram entre Cascaes, o Governo e minha intervenção para que as obras de Cascaes terminassem sob a responsabilidade e guarda da UFSC.

Tudo isso ocorria entre 1972 e 1979, quando Cascaes já teria ido aos Açores e estava devidamente alojado dentro do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral, contando como auxiliar direto o pesquisador Gelcy José Coelho o Peninha, que é o maior meritório quanto a proteção, ao estudo, a catalogação e preservação da Obra de Cascaes.

O Peninha deve ser reconhecido como o principal guardião e divulgador da produção cultural de Franklin Joaquim Cascaes.

Foi, talvez, o momento de se fixar Franklin Cascaes na UFSC, aquele que coincide o se consolidar a idéia do Museu Universitário com o nome do Consagrado pesquisador Oswaldo Rodrigues Cabral. Que feliz coincidência em se estabelecer um novo reencontro entre Cabral e Cascaes..

Numa homenagem ao saudoso professor Sílvio Coelho dos Santos, registro que em todas essas iniciativas envolvendo Cascaes era ele o Diretor do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral. É, também, na sua gestão que o Peninha é deslocado do Departamento de História para aquele Museu.

Estava dado o início de um processo da defesa do acervo de Cascaes; o que fazer com o acervo de Cascaes; para onde levar este magistral acervo. A partir de então a Universidade assumiu tal responsabilidade e vem conduzindo com eficiência.

Recordo que Cascaes desejava ter, por intermédio do valor de sua obra, aliás, uma ambiciosa e compreensível propositura, obter uma melhoria de seus ganhos financeiros pessoais vez que a aposentadoria obtida da Escola Técnica Federal teria sido de baixo valor e não correspondente com a categoria de Professor, cuja titulação para tanto lhe faltava. Até, por isso, era contestado e marginalizado, como disse no início.

Havia resistência dentro da própria Escola Técnica. Cascaes estava portanto em uma encruzilhada difícil, viúvo, pobre e precisava fazer um pé de meia, um volume financeiro, assegurando a sua velhice e as suas atividades artísticas em sem nenhum vínculo empregatício.

Como entendi que o melhor local para a obra de Cascaes seria a universidade, onde o patrimônio estaria mais bem assegurado, e não uma instituição criada pelo modelo político que nem sempre assegura continuidade, como, aliás, se comprova vez que a Casa dos Açores está praticamente abandonada. O acervo que estava lá organizado por Nóbrega Fontes, perdeu-se ao longo do tempo, sem nenhum cuidado.

Assim, o convênio a que se chegou mantendo exclusivamente a UFSC com guardião do acervo artístico de Cascaes, deixando de fora a Prefeitura e a Fundação Catarinense de Cultura, vem produzindo excelentes resultados. Também por meio desse convênio foi possível a UFSC repassar mensalmente ao Professor Franklin Cascaes uma certa importância financeira o que, em parte, lhe agradou.

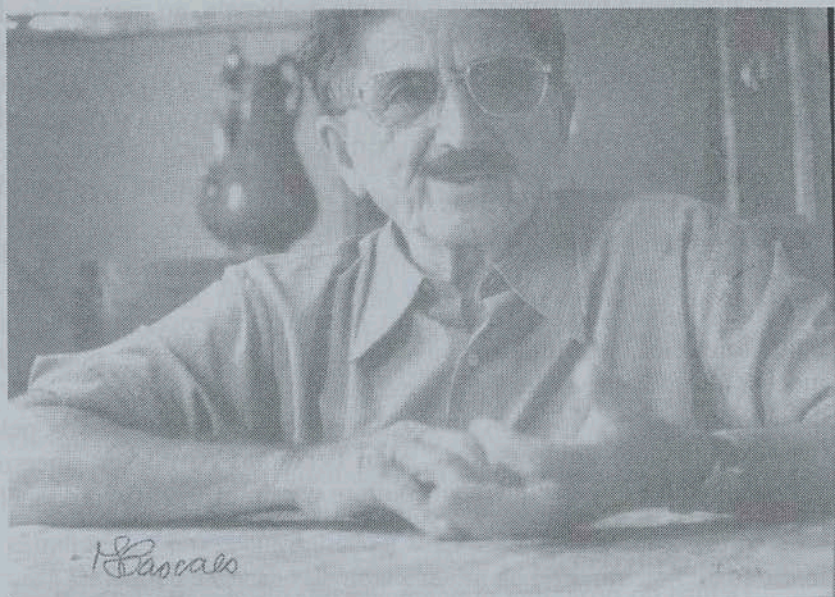
Ao final da década de 70, início de 80, o museu universitário passou para direção da professora Ana Maria Beck já contando com a atuação do funcionário que tinha saído do departamento de História, o Gelci Coelho. A partir de então Peninha se transforma no maior discípulo de Cascaes, em trazer o material da casa de Cascaes para o museu e, no museu, arquivar, preservar, catalogar o fantástico e bruxólico acervo. E aconteceu realmente algo de fantástico, Peninha evoluiu bastante nos seus estudos, hoje é um verdadeiro especialista sobre as obras de Cascaes.

Muitas pessoas estudiosas passaram a procurar o Museu Universitário para elaborar suas teses de mestrados envolvendo o fantástico, sobre o imaginário, sobre as obras de Cascaes, e o mundo do imaginário ilhéu. Mestres e doutores se graduaram com essa direitura, enquanto alguns estão é mais querendo fazer um cabide ou suporte para seus projetos pessoais. De qualquer forma está aí a obra de Cascaes.

É dentro desse contexto que nós estamos a comemorar este centenário do nascimento de Cascaes quando muitos aventureiros passam a oferecer e/ou tentar projetos mirabolantes sobre a obra de Cascaes.

Fica aqui o registro do reconhecimento das obras deste grande mestre autodidata que foi Franklin Joaquim Cascaes, cuja memória, no centenário do seu nascimento, nós aqui do Instituto Histórico festejamos, honramos, e desejamos que esse fato marque uma época de consagração da obra desse imortal e genial pesquisador popular da nossa também popular cultura do imaginário ilhéu.

Obrigado pela atenção de todos, se houver necessidade de debates e de perguntas, Senhor Presidente, fico à disposição. Obrigado e boa noite.



Franklin Cascaes

3 – RELEMBRANDO.

Transcrevendo do Boletim Nº. 2 – DEZEMBRO DE 1949 –
ANO I

A VISITA DO DR. RENATO ALMEIDA A SANTA CATARINA

Como decorrência de conversações havidas durante o 1º congresso de História da Bahia, realizado na cidade de Salvador, em Março do ano em curso, entre os srs. Oswaldo R. Cabral, Secretário-Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, ficou assentada a vinda deste insigne homem de letras à nossa terra .

Sob o patrocínio da Academia Catarinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e desta Sub-Comissão, processou-se a tão almejada visita que tanto aviventou o ambiente cultural florianopolitano.

E, chegando à Florianópolis o distinto diplomata, no mesmo dia da chegada, teve a oportunidade de assistir q uma serroada folclórica no Lira Tênis Clube. Naquele simpático Clube, Dr. Osvaldo Bulcão Viana, teve o Dr. Renato Almeida o ensejo de apreciar o que há de mais expressivo nas tradições e costumes catarinenses, como: “o boi de mamão”, a “dança do cupido”, a “dança da jardineira”, o “pau de fita”, e tudo isso numa harmonia encantadora. Mas, ouviu, ainda, “Toada do Mar”, em acordeom, e o clímax da noite: “dança do pezinho” – dançado por alunos do Grupo Escolar “Lauro Müller”, o que muito emocionou o Dr. Renato Almeida. E, encerrando aquela noite folclórica, a Orquestra Juvenil de Florianópolis – pugilo de moços, incansáveis, e idealistas – executou a “Rapsódia Catarinense”, de autoria do saudoso conterrâneo Álvaro Souza e orquestrada pelo maestro Emanuel Paulo Peloso. Aqui deixamos os nossos sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para o brilhantismo daquela noite.

As conferências

Dentro do programa previamente traçado deveria o Dr. Renato Almeida realizar duas conferências. Porém, mais se exigiu: realizar uma mesa redonda, com o Círculo de Arte Moderna, e, uma aula, no Instituto de Educação Dias Velho. A sua primeira conferência versou sobre “O Nacionalismo na Música Brasileira”.

Nessa conferência delineou S. Excia, o quadro geral do nacionalismo na música européia do século passado. Ressaltou o nacionalismo de Chopin e dos “cinco russos”. Fixou, então, o problema do Brasil. Citou “A Sertaneja” do compositor paranaense Basílio Itiberê da Cunha, como primeira manifestação do nosso nacionalismo. E, conclui afirmando que a escola nacionalista brasileira se forma com os compositores modernistas. Em Vilas Lobo, Lorenzo Fernandes, Lucio Gallet. Francisco Mignone, Camargo Guarinieri, Radamos Gnattali e outros até o atonalista Guerra Peixe. E, finalmente, realça as formas nacionalizantes, citando Álvaro Souza com a sua “Rapsódia Catarinense”. E, conclui a sua bela oração: Se o nacionalismo é superado pelo universal, ele deve marcar o caráter da obra de arte, dando-lhe a seiva das origens para lhe perpetuar a grandeza entre as mensagens dos homens de côdas as pátrias.

No dia imediato, alguns membros da Sub- Comissão Catarinense de Folclore lhe ofereceram um almoço no restaurante do Lira Tênis Clube.

E, à tarde, em prosseguimento às suas atividades, em Florianópolis, o Sr. Ministro Renato Almeida realizou a sua reunião

com os membros do Círculo de Arte Moderna, na Biblioteca do Clube 12 de Agosto, que contou com a presença dos srs. Deputados João José de Souza Cabral, Almiro Caldeira de Andrade, Walter F. Piazza e Osvaldo Ferreira de Melo, desta Sub-Comissão, mais os membros daquele Círculo, e o diplomata Paschoal Carlos Magno. Foram debatidos vários assuntos de interesse como existencialismo, suas realizações, a função do artista na arte, atonalismo, etc..

Completando o seu programa em terras barrigas verdes, o Dr. Renato Almeida, no amplo salão nobre da nossa Faculdade de Direito, onde, também, realizara a primeira conferência, realizou a segunda, que versou sobre “Folclore e Educação”.

Nessa conferência, que contou com a presença do Sr. Governador do Estado, o Sr. Renato Almeida estudou os vários ciclos de ensino e no aproveitamento do folclore nesses mesmos ciclos, principalmente na escola Rural, sobre tudo nos centros de colonização estrangeira, como contribuição à adaptação do filho do colono.

Defendeu a criação de uma cadeira de Folclore no clico normal e mostrou a sua razão de ser. Defendeu, ainda, a necessidade da cadeira de folclore nas Faculdades de Filosofia e Letras. Abordou a seguir o ensino artístico, particularmente o musical, e disse dos resultados favoráveis da cadeira de folclore nos Conservatórios de Música. Disse, ainda, das necessidades dos museus escolares.

Por fim, depois de verificar a atenção que os educadores vêm dando ao problema, reclamou a necessidade urgente de uma solução ao mesmo que, na sua opinião, está na inclusão das cadeiras de Folclore, que sistematizem o trabalho de pesquisa e defendam o imenso patrimônio das artes e tradições populares brasileiras.”

4 – POEMA – O BOI

Márcia Reis Bittencourt - Associada do grupo Canelinha.

O poema O BOI foi resgatado em 1991 quando seu Bento Rafael ainda era vivo e eu cursava a disciplina de Literatura Catarinense do curso de Letras com a professora Zaide Muzarte da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

Bento Rafael nasceu em 21 de março de 1911. Em 1991 quando fiz a entrevista já fazia mais de 10 anos que estava numa cama paralítico. Analfabeto, mas homem de memória invejável sabia

de cor muitos poemas dos quais eu consegui resgatar alguns, entre eles, “o boi”. Poema que reparte o boi em várias partes e manda um pedaço para cada amigo, vizinho e parente.

O poema que Bento musicava está escrito na íntegra da maneira como Bento Rafael falava. Não foi feita correção gramatical.

Considero Bento um dos grandes, senão o maior poeta popular de Canelinha.

Casou-se com Benta Rafael (falecida) deixou uma filha adotiva que hoje mora na localidade de Areão (Maria)

“BOI

Eu comprei esse boi
foi para mata
Chegou, chegou
Chegou nosso Boi

Como era muito brabo
eu deixei para brincar
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Dispois da brincadeira
Nós resolveu a matar
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
Para mata esse boi
precisava te coragem
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Pra repartir as peça todas
entre a camaradagem
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
Eu já matei o meu boi
e já está todo vendido
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Vou areceber o dinheiro
todo certo como eu digo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Já mandei um alugado
na casa de João Condesa
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro da cabeça
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Francisco

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dos dois chifre
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa de João Teixeira
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro da zurelha

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Esídio
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro du zovido

Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Zé Ferrinho
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dos carrinho
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Vicente
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dos dente
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Chico moço
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro du pescoço
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Osório
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dus dois zolhos
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Alexandre

Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaieie que me mande
o dinheiro do sangue
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa da dona Clara
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaieia que me mande
o dinheiro da cara
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Lotero
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do severo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
lá na casa do vizinho
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaieie que me mande
o dinheiro do focinho
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Alício
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do beijo
Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
lá na casa da Lucinda

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiela que me mande
o dinheiro da língua

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Já mandei um alugado
na casa da Manuela

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiela que me mande
o dinheiro da guela

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa de João Ventura

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiela que me mande
o dinheiro da fersura

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Zé Binico

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiela que me mande
o dinheiro do figo

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Fideli

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do feli
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu João
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do coração
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Tiófi
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro du bofe
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa da dona Norma
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiela que me mande
o dinheiro da pandorga
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Tibúrcio
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro du bucho
Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Furtunato
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dus pato
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Dionísio
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do livro
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Zé Pereira
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro da qualheira
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Afredo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do sebo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
lá na casa da Porcina
Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiela que me mande
o dinheiro das tripa fina
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Zé da Posa
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro das tripa grossa
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do meu amigo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do imbigo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
Mandei um alugado
na casa do José Medeiro
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dos quarto dianteiro
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Sebastião
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dos doi corchão
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa da Henriqueta
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gajela que me mande
o dinheiro das paleta
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
lá no seu Fernando Colle
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
dinheiro do corchão mole
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Arturo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
dinheiro do corchão duro
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Meminho
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dos patinho
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Zé Colombo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande

o dinheiro dosombo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu prefeito
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do peitu,
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Mané
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do filé
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Adão
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do filé minhão
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa das rapariga
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaielas que me mande
dinheiro das pelha da barriga
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado

na casa do seu Batão
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dus matão
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Nicanor
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dus filore
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
no homem do Biguaçu
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dus caracu
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa da Floriana
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro da Ossama
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa da Gabriela
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro das costela

Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa da Dindinha
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaieia que me mande
o dinheiro das mindinha
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa da dona Júlia
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro das agulha
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Jacó
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dus mocotó
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu José
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro dus dois pé
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Simão

Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro das duas mãos
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Zé da Cunha
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro da zunha
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do Zé Criolo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro do coro
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa de João Rabelo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
dinheiro dus cabelo
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
casa da Geralda
Chegou, chegou
Chegou o nosso boi
gaiela que me mande
o dinheiro da rabada
Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Mandei um alugado
na casa do seu Nicola

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi
gaiele que me mande
o dinheiro da cola

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

Quem arreparti esse boi

é o Bento Rafaeli

Se você não me acredita
pergunte o Danieli

Chegou, chegou

Chegou o nosso boi

As. Bento Rafael”

5-CONTRIBUIÇÃO DE OUTROS ESTADOS **RESUMO SOBRE O FOLCLORE DAS FOLIAS DE REIS**

Roteiro e estudos preliminares

Affonso M. Furtado da Silva – Comissão Fluminense de Folclore.

1 – Introdução.

A tradição das folias de Reis está presente de forma expressiva em todos os estados da Região Sudeste; Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, estendendo-se ainda aos estados adjacentes das regiões geográficas vizinhas: Bahia (Nordeste), Goiás e Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste) e Paraná (Sul).

O resumo ora apresentado busca examinar diversos aspectos de natureza conceitual, histórica, geográfica, artística e social relativo às Falias de Reis, manifestação folclórica de fundo religioso. Como se sabe, esta tradição popular foi transplantada da Península Ibérica, em especial Portugal, para a região Sudeste do Brasil, ainda no período colonial. Em território nacional as Falias de Reis disseminaram-se amplamente sendo, atualmente, a expressão folclórica de maior abrangência, a par de sua diversidade e riqueza cultural. Para tal fim,

utilizou-se de um valioso acervo documental de obras editadas no Brasil e no exterior a partir de meados do século passado, ocasião em que esse gênero folclórico passou efetivamente a despertar maior interesse na área da cultura popular. De modo complementar, foi igualmente utilizado um levantamento de natureza audiovisual das Festas/Encontros de Folias de Reis, resultante de inúmeras viagens realizadas no âmbito da região Sudeste. Com esse trabalho, muito apreciaríamos poder fomentar o desenvolvimento de outras abordagens dessa tradição popular, tão vasta e diversificada quanto de manancial inesgotável.

2- Definições e Conceituações: A folia de reis sob Múltiplos Olhares.

2.1 – Sinonímia: Folia de Reis, reisado, Embaixada, Bandeira, Jornada, Romaria, Reiada, Terno de Folia, etc..

2.2 - “Saem à noite, imitando os Reis Magos que viajaram guiados por uma estrela (...). O grupo destes representantes dos Reis Magos é chamado Folia de Reis” (Araújo – 1949). Nesse mesmo sentido: “A Folia pretende representar a viagem dos Magos a Belém, ao encontro do Filho do Homem”. (Castro & Couto – 1977).

2.3 – “Estes folguedos são manifestações nas quais há uma representação teatral, cênica. (...) Contam a história da viagem dos Reis Magos à gruta de Belém (...). As Folias variam de região pra região. Mantêm-se, porém, homogênea quanto à estrutura devocional.” (Diniz – 1994).

2.4 - Há folia de reis que se aprimoram na organização, nos ensaios das cantorias, no instrumental e até nos trajes, (...) há grupos mais simples e de recursos mais limitados que mantêm a devoção até com sacrifícios. Em um dos grupos e noutros a intenção, a fé e a devoção são as mesmas” (Pellegrini Filho – 1985)

2.5 – “Grupo ritual do catolicismo popular organizado em pagamento de promessas.” (Frade – 1997)

2.6 - “A Folia não gira [visita às casas] para cantar louvores ao Menino de Jesus (sic), nem para reconstruir, como um ato piedoso igual das pastorinhas (...) a história do Natal de Jesus. Mas ela tampouco gira para arrecadar em 13 ou 7 dias, dinheiro para uma festa comunitária de todos (sic). O que a Folia faz é proclamar e responder por um tempo ritual, diferente de trânsito entre homens e dádivas” (Brandão – 1981)

- 2.7** - “Assim a folia se constitui em uma forma própria do saber popular, essencial a sustentação e reprodução de uma forma subalterna de vida, o mundo camponês” (Pessoa – 1993)
- 2.8** - “Para eles [Foliões] o único sentido da Folia é a religião – Folia de Reis é devoção e , certamente, foi como devoção que tudo principiou” (Moreyra - 1982).
- 2.9** - “ Folia de Reis [de Santo Antônio do Baú – Jequitibá - MG] é a manifestação religiosa que fundamenta a fé e a religião (...) é [a Folia] o núcleo da religião e que ao redor dela se organizam os elementos cosmológicos e rituais do catolicismo”. (Gomes & Pereira)
- 2.10** - “Pode-se dizer da Folia de Reis [do Morro Santa Marta – Rio de Janeiro], portanto, que ela é uma prática religiosa popular que enquanto uma mediação de política, ela é um espaço de transmissão do saber que, ao reatualizar no contexto atual o fenômeno sempre dialético da existência da pobreza, sobre as posturas concretas que ela exige, permanece como força de esperança”. (Rocha - 1985)
- 2.11** - “(...) há de se reconhecer nelas [práticas da tradição católica – populares, donde se insere a Folia de Reis] neste caso específico, diante do reformismo reacionário proposto no crescimento dessas igrejas pentecostais, um instrumento de resistência e identidade dessas populações, ao mesmo tempo em que sob ótica mais ampla, transformam-se intuitivamente em resistência à cultura hegemônica de caráter modernizante” (Ikeda - 1994)
- 2.12** - “A Folia de Reis não é apenas um folclore é uma verdadeira celebração da viagem que os Magos fizeram a Belém para adorar o menino Jesus”. (Embaixador Francisco Garbosi – Cia. de Reis Mensageiro da Paz de Londrina – PR – 2002). De outro portador dessa tradição: “Assim como os Reis magos, nossa missão é levar paz, alegria e esperança às famílias”. (mestre José Tomás – ‘Tomasinho’ – Folia de Reis Estrela Iluminada de Barra Mansa, RJ-2001).
- 2.13** - “Essa manifestação remanesce de uma tradição rural, por meio de processos migratórios, transpôs-se para o universo urbano, perdendo vocábulos importante de seu discurso, ao mesmo tempo, na luta pela existência anexou novos sistemas de códigos, enriquecendo, principalmente o seu contexto visual.” (Peralta - 2000)
- 2.14** - “O objetivo principal dessas aproximações [laços da Folia Estrela do Oriente do Mestre Francisco Vitorino ‘Tachico’ de Rio das Flores – RJ, e do seu próprio Mestre, com elementos do sobrenatural] que, durante a jornada da folia acontecem em diferentes contextos como na saída, no cruzeiro e no centro [espírita], é obter invisíveis

proteções e defesa contra os perigos da vida [aos pedidos de ajuda solicitados]”. (Chaves – 2003)

2.15 – “Quando eu ouço cantar uma Folia de Reis, eu procuro ficar bem atento às palavras que os foliões dizem. E vejo a beleza, a beleza das palavras, uma forma poética de transmitir a palavra de Deus. Quem sabe na catequese deveríamos aprender dos foliões a transmitir os ensinamentos de Jesus. E isto deve ser conservado”. (Dom Washington Cruz – Arcebispo Metropolitano de Goiânia-Go-2004). De outro representante do Clero: “Os foliões de reis constituem verdadeiros missionários populares, levando de casa em casa a mensagem do nascimento do Menino de Jesus”. (padre Medoro de Sousa - Pároco da catedral de Valença-RJ-2003).

3 - Resumos dos Aspectos Estruturais, Rituais e Artísticos da Folia de Reis.

Nos itens que se seguem procura-se agrupar de forma resumida diversos aspectos relevantes de natureza estrutural, ritual e artístico, típicos das Folias de Reis. Algumas observações pertinentes são incluídas para efeito de esclarecimento.

3.1 – Estrutura / Organização / Hierarquia

3.1.1 – Bandeira / Estandarte / Oratório: Símbolo máximo do grupo recebido com respeito e devoção.

3.1.2 – Número de Componentes (Foliões): Variável.

3.1.3 – Bandeireiro ou Alferes: Portador da Bandeira

3.1.4 – Responsável: Mestre, Mestre Folião, Embaixador, Capitão, Dono, Folião Guia, Mestre Reiseiro, etc. Obs.: Cabe aqui um esclarecimento a respeito da responsabilidade pelos grupos. Em poucos casos, o responsável pela cantoria, “o que inicia”, puxando o canto”, não é o Dono dos pertences da folia, em cuja casa são abrigados. Na maioria dos casos, entretanto, essas funções são reunidas numa só pessoa.

3.1.5 – Cantores e instrumentistas: Variável. Instrumentos mais encontrados: Viola, Violão, Sanfona (Acordeão), Caixa, Bumbo, Pandeiro, Triângulo, Chocalho, entre outros [vide 3.4.4]

3.1.6 – Palhaços: Bastião, Marungu, Alferes [também como Bandeireiro], Pastorinho, Samaritano, Guarda-Mor, Boneco, etc. Obs.: “(...) constitui a grande atração popular da folia” (Castro & Couto - 1977). Complementando: “São os únicos que utilizam indumentária especial, para serem focos de atenção” (Rossato - 1990). Acrescente-se, que há folias sem Palhaços, como por exemplo, em Minas Gerais: Uberaba, Uberlândia, Patos de Minas e Montes Claros,

enquanto com número elevado de Palhaços, (muito acima da média de 1 a 3), em Valença, Vassouras e Rio das Flores, no Estado do Rio de Janeiro.

3.1.7 – Outros componentes: Gerente, Pastorinhas, Anjos, Reis Magos, Três Marias, Catiringa, Nego Veio ou Pai João (estes dois variantes do Palhaço), etc.

3.2 – Rituais

3.2.1 – Jornada/Giro: Cortejo e Visita às casas da comunidade. Desde a véspera do Natal ao dia 6 de janeiro, Dia de Reis. – Período Tradicional.

3.2.2 – “ Cantoria/Toada: Música e Letra”. É através da cantoria que os principais momentos de todas as jornadas são realizados (Brandão - 1981).

3.2.3 – Etapas da Visita: Chegada, Pedido de Licença, Abrição de Porta, Louvação ao Presépio, Peditório, Agradecimento e Despedida.

3.2.4 – Encerramento da Jornada: Arremate (Remate)/Fechamento/Entrega da Bandeira.

3.2.5 – Outros rituais: Saudação de Bandeira (Encontro de Duas Folias), Afixação de Ofertas e Ex-Votos na Bandeira (fitas, flores, papel moeda, retratos, medalhas, santinhos, fotos, pedidos, etc.), Consagração/Adoção/Oferecimento a Santos Reis e Escolha do Festeiro.

3.3 – Exibição do Palhaço

3.3.1 – Declamação de Versos: Temas bíblicos ou do Cotidiano

3.3.2 – Coreografia: Chula, Corta Jaca, Lundu, Fagote, Mazurca, Catação de Café, etc. Obs.: Em alguns grupos, como do Norte de Minas, os próprios foliões dançam o Lundu, como também o Guaino, o Recortado, etc.

3.3.3 – Canto do Palhaço: Cantarolado Pelos Guarda-Mores no Lundu e Fagote.

3.4 – Arte popular

3.4.1 – Religiosa: Confeção/Ornamentação da Bandeira/Estandarte/Oratório

3.4.2 – Plástica: Confeção de Máscara, Capacete, Fardamento [Indumentária], Coroa, Chapéu, Boné, Quepe etc.

3.4.3 – Cênica: Cortejo, Representação do Grupo e Exibição do Palhaço.

3.4.4 – Musical: Melodia da Cantoria/Toada, Instrumentos Musicais (Viola, Violão, Caixa, Sanfona, Rabeca, Pandeiro, Triângulo, Pífano, etc.) e Ritmos Auxiliares (Na exibição do Palhaço e em Cortejos)

3.4.5 - Poética: Verso (Profecia) da Cantoria/Toada, Declamação e Improviso

3.5 – Outros Aspectos Associados

3.5.1 - Acessórios do Mestre/Componentes: Faixa, Apito, Toalha (Estola).

3.5.2 – Acessórios do Palhaço: Sacola, Embornal, Bastão, Porrete, Espada, Facão, Chicote, Relho, Bengala, Manguares, Marucas, etc.

3.5.3 – Alegorias: Arcos, Estrelas, Cruzeiro de Flores, Rosário de Flores, etc.

3.5.4 – Crenças/Crendices e Superstições.

3.5.5 – Hibridismo: Religioso (Sincretismo) e Cultural

3.6 – Festividades : Arremate (Encerramento) e Encontros de Folias de Reis/Festas de Santos Reis (Festa de Confraternização Coletiva, organizada e patrocinada geralmente por entidades públicas estaduais, municipais e/ou Associações Folclóricas).

3.7 – Associações municipais ou regionais de Folia de Reis

3.8 – Templos de Santos Reis (Capelas, Grutas, etc.).

4 – Tradição das Folias de Reis no Brasil na visão de Estudiosos e Pesquisadores

a- 1950: A partir de meados do século passado, a tradição das folias de reis passou a chamar efetivamente a atenção dos folcloristas, destacando-se o trabalho pioneiro (1949) de Araújo (Alceu Maynard de Araújo) sobre a Folia de Reis da cidade de Cunha - SP. Neste trabalho o autor registra textualmente e fotograficamente com detalhes o grupo, inclusive a presença da dupla Catirina e Pai João, comum em Folia de Reis de algumas cidades do Estado do Rio de Janeiro [Rio das Flores entre outras], mas, praticamente desaparecida com o decorrer dos anos. Contudo, em alguns poucos municípios do estado de Minas Gerais, como Mateus Leme [Azurita], Santo Antônio do Monte, a citada dupla permanece integrada aos grupos de Folias de Reis.

Outra pesquisadora, Alvarenga (Oneida Alvarenga), discípula do notável escritor e folclorista paulistano Mário de Andrade, publicou a obra “Música Popular Brasileira”, em cujo capítulo relativo à “Música Religiosa Ligada a Costumes Populares Católicos” faz a seguinte menção: “As Bandeiras de Santos, especialmente as de peditório como as do Divino e de Reis parecem representar a confluência de dois costumes portugueses: o das corporações de ofício, que se apresentavam em cortejo nas festas públicas,

carregando a bandeira de seu patrono e dos ranchos pedintes das janeiras e Maias, com que se comemoravam não só em Portugal, mas em quase toda a Europa, a entrada do ano e da primavera”. Nessa obra não há referência ao Palhaço.

b – 1953: Manoel Diegues Júnior levanta uma série de indagações, em dois artigos específicos sobre a origem da estrutura das folias, publicados na coluna “Folclore e História”, que mantinha semanalmente no extinto jornal carioca Diário de Notícias (datados de 18/01 e 1/02)

- “Teriam, as Falias de Reis se originado entre nós das janeiras, dos peditórios tão comuns nos princípios do ano, à época dos Reis Magos em Portugal? Não temos no momento elementos suficientes para admitir essa origem, mas se pode presumir (...)”

- “Um aspecto que me atraiu na Folia de Reis foi os Palhaços se apresentarem de Máscaras. Por que essas Máscaras?”

c – 1954: Mestre Camara Cascudo no seu Dicionário do Folclore brasileiro-1ª Edição, a respeito do verbete “Folia”, assim se expressa: “No Brasil, a folia é um bando precatório que pede esmolas para a festa do Divino Espírito Santo (Folia do Divino Espírito Santo) ou para a festa dos Santos Reis (Folia de Reis)”. Acrescenta, entretanto: “Não tem Portugal o aspecto precatório da folia brasileira, mineira ou paulista”. Comentando sobre a indumentária da folia, Cascudo faz uma breve alusão ao Palhaço: “(...) elementos mascarados e cômicos”

d – 1962: No livro sobre Folguedos Populares do Brasil, Rossini T. de Lima escreve: “As Falias de com Máscaras mencionadas por Covarrubias (Tesouro da Língua Castelhana) e, as atuias Festa dos Rapazes do ciclo de Natal de Rio de Onor (Pesquisadas pelo etnólogo português Jorge Dias na comunidade Rural de Rio de Onor) filiam as Falias de reis com Palhaços, ainda hoje observadas entre nós (...)”.

e – 1974: Ao final deste ano veio ao público uma publicação discográfica (vinil compacto), intitulada Folia de Reis, integrante do “Documentário sonoro do Folclore brasileiro”, produzido pela ex-Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, atual Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP ou IPHAN. Na contra capa deste livro, Vicente Sales faz uma breve apreciação: “(...) folguedo tradicional no Brasil em busca de obscura e remota origem cristã e européia que, integra o conjunto de folguedos natalinos.”

f – 1980: Neste ano veio a lume o livro de Guilherme Porto (Padre à época, atualmente elevado a hierarquia de Bispo), agraciado com o Prêmio Silvio Moreno – 1977 da FUNARTE, sob o título “As Falias de Reis do Sul de Minas Gerais”. O tema se refere às Falias de Reis

do Sul de Minas Gerais. O autor escreve: “A maioria dos estudiosos concorda sobre a origem Ibérica e pelo menos européia das folias de reis (...). As Companhias de Reis eram uma revivescência no campo daquilo que as pastorinhas faziam na cidade”.

g – 1982: Analogia da Folia de Reis com o: Teatro Anchietano, Cerimonial Indígena de recebimento de Pessoas Importantes e Cortejos (procissões) Peregrinatórios (introduzidos pelos Jesuítas nos primeiros tempos de colonização do Brasil), segunda Yara Moreyra.

- “(...) a Folia de Reis apresenta certa analogia com os autos do padre Anchieta, que por sua vez são estreitamente relacionados com o cerimonial indígena de recebimento de pessoas importantes. (Transposição: Cerimonial de Recebimento – Autos de Anchieta – Folias de Reis)”.

- “Indo mais além, porque não pensar (...). (Transposição: Cerimonial de Recebimento – Procissões – Autos de Anchieta – Folias de Reis)”.

- “(...) a diferença fundamental entre nossas Folias de Reis – cortejos peregrinatórios com peditório – e, os pedinchões Reis portugueses é em relação ao sentido de devoção – aqui quase exacerbada nos grupos, também peditórios e Reiseiros de Portugal.”

No tocante aos Palhaços, a autora escreve: “(...) por sua vez (os Palhaços) é personagem de comportamento independente e de origem controvertida”.

h- 1988: Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira, no livro “Negras Raízes Mineiras”.

- “Os Arturos” focalizam o assunto da seguinte maneira: “A Festa/ das Folias de Reis tem raízes ibéricas/.” A seguir, enfatiza o ponto de vista de Rossini Tavares de Lima conforme mencionado no item d. Anos mais tarde, em 1994, os autores retornaram ao tema do Livro: “Do Presépio à Balança – Representações da Vida Religiosa”. Neste trabalho os autores destacam: “O costume (Folia de Reis, enquanto processo ritual) veio com os nossos colonizadores portugueses, tendo passado por modificações freqüentes ao longo do tempo e de acordo com a realidade social de ocorrência”. Estes autores também põem em relevo o envolvimento dos escravos com rituais religiosos e populares das folias de reis: “O gosto e o encantamento do negro pelos autos natalinos não ocorrem somente no Brasil – Bastide tenta explicar esse interesse (...) pela participação no sagrado, pela necessidade do escravo de ter alguma forma de poder: a inversão dos papéis da sociedade para o imaginário, faz que os negros das classes

pobres se transformam nos conhecedores dos mistérios e da maia, ocupando uma posição de domínio, a do poder simbólico”.

i – 2002: A etnomusicóloga da Irlanda do Norte, Suzel Ana Reily, realizou pesquisas sobre as Folias de Reis na Região Sudeste do País, reunidas no trabalho “Voice of the Magi – Enchanted Journeys in Southeast Brazil” publicado pela editora da Universidade de Chicago, em 2002. No Capítulo 2, “Folias”, é estudada a estrutura musical dos três estilos de toadas que convivem nas Regiões Norte e Noroeste de São Paulo, os denominados estilos mineiro, paulista e baiano, sendo o primeiro originário das regiões Sul, Sudeste e Triângulo de Minas Gerais. Constatou a autora uma semelhança do estilo mineiro relativa mente à música barroca performada à época do Ouro. No entanto, apontou uma notória similaridade da organização vocal do mencionado estilo mineiro com os corais polifônicos femininos ainda hoje encontrados na Região do Minho, em Portugal. Neste capítulo, ainda é examinada a organização e estrutura sócio-comunitária bem como as inter-relações étnicas e culturais relativas aos núcleos populacionais existentes nos ciclos do Ouro e do Café, ensejando a seguinte colocação: “Just as the minero style probably developed within the highly segregated and stratified society of the gold rush regions before it was disseminated to other parts of the southeast, it could be seen to cohere with the patriarchal ideal and culture, which purports to integrated disparate social grouping into a large corporate whole”.

6 – Notas sobre Ternos em Santa Catarina

Sucursal de Blumenau – Taiana Haelsner.

Ao publicarmos esta colaboração espiritosantense, destacamos que a cantoria de Ternos de Reis em Santa Catarina também é muito forte, bem disseminada por todo o Estado e, porém, recebeu a influência da vinda dos açorianos no século XVIII. Em quase toda a região litorânea se manifesta e se penetrou para outras áreas de colonização como um outro viés interessante, qual o da contribuição, no século XIX, de alemães que em suas regiões de origem e de prática católica, desenhavam modelos particulares para tal *folia*.

Na Ilha de Santa Catarina, além dos grupos desenvolverem suas romarias de casa em casa nas épocas de véspera do Natal, Festa da Epifania (6 de janeiro), dia 15 Janeiro – Ternos de Santo Amaro e 21 de janeiro – Ternos de São Sebastião, a Fundação Cultural de Florianópolis – Franklin Cascaes, realiza um festival de Cantorias de Ternos de Reis e que reúne nunca menos de duas dezenas de grupos que se revezam em animadas noites de cantorias.

Por isso publicamos a matéria seguinte que é uma contribuição da representante da Comissão Catarinense de Folclore para o Município de Blumenau, e que nos remete informes divulgados pela imprensa local com alguns registros de grupos locais e que já são popularmente consagrados.

“ Saudação de Fé (em o Jornal Santa Catarina, 5,6 de janeiro de 2008).

“Com viola, acordeom, chocalho, cavaquinho e atabaque a tiracolo, instrumentistas e cantores se reúnem ao anoitecer para começar o roteiro de celebração. No silêncio da noite, percorrem ruas em louvor ao nascimento do menino Jesus. Com versos de fé e religiosidade, saúdam cada um dos moradores das casas onde chegam. A tradição popular do Terno de Reis resiste ao tempo e sobrevive em Blumenau e região, onde mais de 40 grupos festejam domingo o Dia de Reis. Cultivar o ritual é, para eles, uma forma de manter vivas as lições de fraternidade e valores trazidos dos antepassados.

Em Blumenau, o Terno de Reis tem nos 11 integrantes da Família Dias uma referência. A tradição que começou há mais de 85 anos com o Patriarca Oliveira Moisés Dias, em Tubarão, é preservada com orgulho pelos descendentes. O grupo lançou quatro CDs com composições próprias e, no ano passado, um DVD. Os Dias também ganharam destaque nacional, com a participação por quatro anos em programas na TV Cultura e Rede Vida. Além dele, pelo menos outros nove grupos conservam o costume na cidade.

- Esta é uma tradição que nasceu dentro da Igreja Católica e se mantém forte até hoje. É muito positiva para o nosso Estado, conhecido pela diversidade cultural – comenta o presidente da Comissão Catarinense de Folclore, professor Nereu do Vale Pereira. O Terno de Reis se fortaleceu em Blumenau após 2002, com a criação do Festival Nacional de Danças Folclóricas (Festfolk), onde os grupos de Terno de Reis também se apresentam.

- Eles sentiram a necessidade de manter viva essa cultura. Perceberam que se não divulgassem, essas manifestações corriam risco de morrer. Tudo o que é mantido por gerações representa importância para a própria história da humanidade – entende a gerente da Ação Cultural e coordenadora do espaço da cultura popular da Fundação Cultural, Taiana Haelsner.

“A essência do Terno de Reis é a cantoria nas casas”

Ao lado do presépio montado embaixo do pinheiro enfeitado, a família entoava os cantos de louvor. Aos seis anos, Henrique Dias é o mais jovem integrante do grupo Família Dias. Com o chocalho em punho, ele demonstra que a tradição não morreu.

- Quando eu tinha 12 anos, ganhei um cavaquinho do meu pai. De lá para cá não larguei mais a música. Desde os sete anos já acompanhava a tradição do Terno de Reis na família e vizinhança. Para quem crê, 6 de janeiro tem um simbolismo muito forte, lembra o dia em que os reis magos chegaram a manjedoura para visitar Jesus – conta o coordenador do grupo, José Oliveira Dias, 66 anos.

A fé está representada em cada verso cantado com vibração pelo grupo.

- A essência do Terno de Reis é a cantoria nas casas, levar a música e as mensagens de luz para as famílias. É emocionante! Embora tenhamos muitas apresentações em festivais e concursos, jamais vamos deixar de cantar nas casas – avisa um dos compositores, Zé Valdir, 61.

A Tradição

- Trazida para o Brasil pelos colonizadores luso-açorianos, o Terno de Reis é inspirado na passagem bíblica dos três reis magos. A tradição chegou ao litoral catarinense em 1576.

- Tendo como guia a estrela que surge no céu no dia do nascimento de Jesus, em 25 de dezembro, os reis magos Gaspar, Belchior e Baltazar saem à procura do menino levando presentes (ouro, mirra e incenso). Eles chegam a Belém no dia 6 de janeiro, Dia de Reis – data de desmontar as árvores de Natal.

- Grupos formados por cantores e instrumentistas percorrem as casas do início da noite ao amanhecer, de dezembro a janeiro, para anunciar a chegada do menino Jesus.

- Chegam às residências quando os donos estão dormindo. Louvam o menino Jesus em frente ao presépio com mensagens natalinas. A cantoria é interrompida quando o dono da casa, seguindo o exemplo dos reis magos, presenteia o grupo com bebidas e comida.

O MONSTRO.

Em décadas passadas,era comum contarem-se histórias de assombração com o objetivo de dominar as pessoas,especialmente as crianças,através do medo.

O Distrito de Canelinha não fugia à regra.Aqui também se ouviam muitos causos de aparições e de monstros que circulavam pelas matas que rodeavam as casas,muitas vezes,adentrando as residências,segundo relatos de seus moradores.

Meus avós maternos,Joaquina e Valentim,com sua numerosa família residiam no Moura,onde os causos ouvidos eram de arrepiar os mais valentes.Esses mesmos causos eram contados às crianças para fazer com que elas fossem dormir mais cedo.

Depois que minhas tias casaram,a única filha solteira era minha mãe,que trabalhava na Tecelagem Sávio,localizada nas proximidades de onde está o Restaurante Tropicana.

Ela e meu tio,Lula percorriam a picada que saía de sua residência,no Moura,circulavam o Morro da Igrejinha,caminhavam mais alguns quilômetros até chegar ao local de trabalho.Sempre com muita dificuldade.Especialmente no inverno ou nas madrugadas de chuva e tempestade.

É importante salientar que relógio era um luxo para poucos,naquela época,por isso não foram poucas as vezes em que minha mãe e meu tio,sem saber as horas,chegaram no trabalho às três horas da manhã.

Não havia iluminação pública e a então Rua Geral era apenas uma estrada com raríssimas casas às suas margens.

Numa destas madrugadas em que saíram de casa cedo demais,ao contornarem o Morro da Igrejinha,local por si só assustador pela presença do Cemitério,minha mãe e meu tio viram duas jovens que vinham da localidade da Índia,atravessando a ponte coberta,construção feia e sinistra.

Ambas vinham numa correria desenfreada.Só pararam para contar o que haviam visto e convocaram minha mãe e meu tio a correrem também ou a se esconderem em algum lugar para fugirem do monstro terrível de tamanho descomunal,olhos enormes,expelindo grande quantidade de fumaça pelo nariz,além de roncar assustadoramente.

Era inevitável que a lembrança das histórias ouvidas em casa viessem à tona, contribuindo para que o medo se transformasse em pavor.

Os quatro esconderam-se até que o monstro sumisse pela estradinha e seguiram para o trabalho, onde os esperava o gerente Joca Soares, preocupado, pois mesmo morando longe, os mesmos nunca se atrasavam.

Meu tio relatou o acontecido. Como era de se esperar, os demais funcionários juntaram-se para ouvir a história. Houve quem duvidasse de tudo e também quem acreditasse e dissesse já ter visto tal monstro. O alvoroço na Vila foi grande. Cogitava-se recorrer ao destacamento policial de Tijucas para uma iniciar uma caçada que só terminaria com a captura do animal.

Por uma semana as crianças deixaram de frequentar a escola da dona Julieta Reis que ficava na outra margem do rio, para onde se dirigiam, usando canoas, cujo atracadouro ficava perto da "venda" do senhor Ângelo Silva, nas proximidades da ponte coberta.

A vida na Vila só não entrou em colapso porque tudo se esclareceu no domingo seguinte. O monstro de olhos de fogo, ronco de trovão e que soltava fumaça pelas narinas, passeava pela estradinha esburacada, tendo a bordo o senhor Lucas Santana e sua família.

O tal do monstro era um automóvel que havia sido entregue naquela madrugada fatídica em que foi confundindo com um animal pré-histórico.

Ilse Maria Paulino Gomes

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

ilsemaria.pg.@terra.com.br

8 - O TREM DA CANELINHA

Lá pelo ano de 1968, mais ou menos, a Paróquia de Canelinha recebia, pela primeira vez em sua história, um vigário importado. Estamos falando do padre Daniel Ambrósio Martins. As pessoas mais idosas ainda hoje devem se lembrar dele, era natural de Portugal , mas logo que se formou padre, mudou para a Província Portuguesa de Angola, África.

Depois de muitos anos vivendo naquele país, o padre Daniel Ambrosio Martins resolveu vir morar no Brasil e escolheu o estado de Santa Catarina, talvez pelo clima e a população ser de origem européia. Ao chegar, a Florianópolis o Arcebispo o nomeou para ser vigário da paróquia de Canelinha, visto que o padre que estava exercendo o cargo atual havia sido removido para outrecidade.

O padre Daniel Ambrósio Martins e sua irmã Isabel Ambrósio Martins que o acompanhava, ambos já idosos, chegaram a Canelinha num domingo.

Os ilustres patrícios portugueses receberam as boas vindas das autoridades e o povo em geral, em seguida tomou posse como novo vigário e deu início à santa missa. Na hora do sermão ninguém entendia quase nada do que ele pronunciava. O padre falava no idioma português, com forte sotaque Angolano, mas tudo bem.

À noite eles foram dormir na antiga casa paroquial que ficava bem rente à rua principal de Canelinha.

Como era rotineiro, nas segundas-feiras pela manhã, os peixeiros vindos de Tijucas circulavam com suas carrocinhas vendendo peixes pelas ruas de Canelinha e com o atrito das rodas sobre o calçamento imitavam o matraquear de uma locomotiva, do tipo Maria Fumaça.

O padre Daniel se acordou com aquele ruído e foi no quarto da sua irmã e gritou:

“_ Isabel o trem de Canelinha está passando, vamos ver”.

Neste momento, um peixeiro pegou a buzina, que era feita de galho de boi, e botou na boca e deu uma buzinada, foi quando Isabela falou para o padre:

“_O trem de Canelinha tem um apito muito fraco” - e os dois foram até a janela para ver o trem.

Neste momento uma carrocinha conduzida por um tijucano parou em frente à casa paroquial e o peixeiro gritou:

“_Qué comprá charuto, sô reverendo”!

Então o padre Daniel respondeu:

“_Não fumamos, obrigado. Estamos querendo ver o trem de Canelinha passar que está demorando muito!”

Por Luiz Bastiani

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .
Canelinha-SC

9 – O CAUSO DAS CALÇAS.

No finalzinho da década de quarenta,o comércio no Distrito de Canelinha era precário.Havia poucos estabelecimentos onde a população pudesse adquirir os produtos de que necessitava para o seu dia-a-dia.

Mas uma casa comercial se destacava das demais não só pela variedade e qualidade das mercadorias,mas sobretudo pela arquitetura arrojada para a época,a “Casa de Secos e Molhados Juvêncio Mafra”.

A construção de dois pavimentos atestava o poder econômico da família,gerado pela excelência dos produtos vendidos,aliada ao bom atendimento dispensado à clientela.

Pessoas de posses vinham de Tijucas fazer suas compras naquela casa comercial que hoje abriga a loja de eletrodomésticos” Mundo dos Presentes”.

O senhor Juvêncio Mafra,além da loja de Secos e Molhados,possuía um grande cafezal que ocupava toda a rua que leva seu nome,no Centro da cidade.Enquanto ele se ocupava do cafezal e do gado,sua esposa,dona Terezinha,cuidava da loja,tendo como ajudante um funcionário muito atencioso.

A loja recebia grande movimento,especialmente em dias que antecediam as festas religiosas ou quando havia casamento ou aniversário de alguma figura importante da região,pois ali havia de tudo além de muita organização:as roupas estavam nas prateleiras mais altas,enquanto os gêneros alimentícios,nas mais baixas.

Por aqueles dias de maio,estava para se realizar o casamento da filha do prefeito de Tijucas com importante figura política de Florianópolis.A mãe da noiva,sabendo da fama da casa comercial do senhor Juvêncio Mafra,vem,com a mãe do noivo,fazer as últimas compras para a festa, em Canelinha,justamente num dia de intenso movimento e em que um trabalhador do cafezal foi chamado para ajudar a atender a clientela.

Quando carro de molas pára em frente à loja,todos os olhares se voltam para as duas elegantes senhoras.Lá dentro,o alarido é grande,mas quando elas entram,seguidas pelo cocheiro,o silêncio se estabelece.

O funcionário atendia a um cliente que procurava por um par de calças. Sob as ordens de dona Terezinha, ele deixa o cliente e vai atender as recém-chegadas, meio confuso com tanta elegância.

— Em que posso lhes ajudar?

Ao que prontamente a primeira-dama de Tijucas responde:

— Quero os melhores cocos que houver na loja. São para fazer os docinhos do casamento de minha filha com o filho dessa senhora aqui. Quero os melhores!

Nesse momento, o cliente que estava sendo atendido quando as senhoras chegaram e havia sido deixado esperando, aponta para as prateleiras superiores e pergunta:

— E as minhas calças?

O funcionário do cafezal que ali estava para ajudar, não perdeu tempo e soltou essa pérola para o outro balconista:

— Deixa que eu já desço as calças e você mostra os cocos para as senhoras!

(Ilse Maria Paulino Gomes) Grupo de
Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

ilsemaria.pg@terra.com.br

Canelinha – SC.

10 – O (DES)LEITOR

Na década de quarenta, o Distrito de Canelinha era muito carente em termos de cultura letrada. Poucas pessoas eram alfabetizadas. Jornais não chegavam até aqui.

As notícias eram obtidas através da audição de raríssimos aparelhos de rádio.

Um desses aparelhos estava instalado na “venda” de seu Deneca, no Moura.

Era lá que os homens, especialmente, se reuniam após o trabalho na roça para tomar algum aperitivo e pôr a conversa em dia. Falava-se tudo e de todos, afinal não havia outra diversão.

Num final de tarde, como de costume, a conversa corria solta regada a muita cachaça e alguns momentos de silêncio para ouvir as notícias trazidas pelo rádio, devidamente colocado em prateleira como um santo no altar.

Pouco antes da hora de a “venda” fechar, ouve-se a voz quase abafada do locutor anunciando um acidente na Capital. O mesmo

acontecera quando um cavalo que puxava um bonde soltou-se dos arreios e disparou.

O silêncio foi interrompido por uma gargalhada do senhor Deneca.

- Ah! daria um bom dinheiro para ver tal acontecimento. Já pensaram na situação?

Depois dos comentários a respeito do acontecido, os homens foram retirando-se.

Já na cama, o senhor Deneca pôs-se a pensar no assunto e concluiu que precisava fazer um passeio à Capital e levar a família para ver a Ponte Hercílio Luz. Esse seria o presente de Natal para todos.

Resolvidas algumas questões práticas, a família pôs-se a caminho no seu carro de molas rumo à Capital, numa madrugada ainda fresca. Várias vezes a família precisou parar para que os cavalos descansassem e tomassem água.

Mas, finalmente chegaram a Florianópolis. Como já passava do meio-dia, hospedaram-se num hotel ali mesmo perto da Praça XV de Novembro. Depois de um descanso, era a vez do tão esperado momento: conhecer a ponte.

O senhor Deneca e a família subiram pela Rua Felipe Schmidt, atravessaram a ponte a bordo de uma charrete de aluguel. Apreciaram as belezas da construção, seu arrojo, tomaram um refresco e retornaram a pé para melhor observarem a cidade.

As duas moças e a mãe estavam ansiosas para verem as vitrinas onde a última moda em roupas era exibida. O pai, já cansado, queria sentar e relaxar um pouco. Diante da insistência das filhas e da esposa, ele não teve alternativa: deu-lhes o dinheiro que queriam para as compras, mas recusou-se a acompanhá-las. Foi andando até a Praça XV de Novembro onde se sentou à sombra da grande figueira.

Mesmo sendo analfabeto, o senhor Deneca era homem astucioso, sabia conversar, treinado que era no trato com os clientes da sua "venda".

Não passou despercebido ao canelinhense o fato de todos os homens que se encontravam na praça estarem lendo o jornal.

Para não passar por ignorante, comprou um exemplar do jornal que o jornaleiro apregoava, mesmo já sendo à tardinha.

Com o término do expediente dos funcionários públicos, a praça ficou cheia quase sem lugares. E eis que um manezinho senta-se ao lado de seu Deneca e ensaia uma conversa, mas algo chama a sua atenção e, no seu linguajar característico dispara:

- Olhô,lhó! Um estepô desse lendo de perna pra riba!
Pego no flagrante, o canelinhense não pestanejou:
-Estepô és tu, ô amarelo! Tu não vês que eu já li e agora “tou”
deslendo?

Causo escrito por:
Ilse Maria Paulino Gomes
Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .
Canelinha – SC.

11 - AS AVENTURAS DA VELHA ROCHA

A existência de bruxas é um mistério que foi passado de geração para geração até os dias atuais. Muitos acreditam fortemente e apontam pessoas que são tidas como bruxas. A credence das bruxas foi trazida pelos açorianos que migraram para a ilha de Florianópolis, que acabou apelidada de ilha da magia. Mais tarde essas histórias foram confirmadas pelos imigrantes italianos que povoaram o Sul do Brasil no final do século XIX.

Quando alguém perguntava sobre as bruxas, os italianos explicavam que quando acontecia um eclipse total da lua, ou seja, quando o sol, a terra e a lua ficavam alinhados, era emitido através dos raios solares uma forte irradiação magnética, que atingia todas as crianças que nascessem durante a permanência do eclipse. Os recém nascidos ficavam energizados e contraíam o poder de serem paranormais ou outros poderes mágicos de se transformarem.

Eu ainda tenho uma leve lembrança de uma bruxa que morou no bairro da Índia. Ela era uma senhora já idosa, seu nome era Maria Rocha, o povo a chamava de velha Rocha, ela morava num casebre próximo a entrada da Urussanga. Não sei se ela tinha família, era uma mulher de estatura baixa, aparentava uns 70 anos com o rosto todo enrugado e quatro fios de barba compridos em cada lado do rosto, que parecia bigode de gato. Usava como traje um vestido comprido rodeado de babados e usava na cabeça um chapéu de cor preta com as abas bem largas e bem pontudo. A velha rocha sempre que andava pela estrada, carregava uma vara para amedrontar as crianças, mas ninguém fazia chacota dela, todos tinham medo porque ela era bruxa e tinha o poder enfeitiçar. Se alguma criança fosse enfeitiçada por ela, tinha que ser levada logo para uma benzedeira para tirar o mal.

O meu tio Julio Bastiani, que acreditava no poder mágico da bruxa, ficava sempre de alerta, quando avistava a velha Rocha na estrada, ele vinha todo desesperado avisar para nós para correremos pra beira do rio e se esconder por lá.

Um dia a minha mãe, Maria Sartori Bastiani, estava fazendo uma taxada de sabão e no momento que este iniciou a fervura a fumaça foi subindo, subindo e atingiu uma altura enorme. Foi quando de repente apareceu uma enorme borboleta rodeando a fumaça. Nós éramos crianças e ficamos assustados e com muito medo. Minha mãe calmamente explicou que era a velha Rocha que veio ver quem estava fazendo sabão, para fazer uma visita na casa da pessoa e pedir. No dia seguinte a bruxa apareceu na nossa casa e disse para a minha mãe com aquela voz fanha: “ A dona Mariota fez sabão né!” Então minha mãe cortou um pedaço e deu para ela, que foi embora contente.

Mas a pior perseguição acontecia mesmo era com os jovens que freqüentavam a casa das namoradas. Como naquele tempo ainda não existia luz elétrica, então os jovens conversavam na sala iluminados por um lampião a querosene e a bandida da velha se transformava numa borboleta e se escondia dentro da casa para apreciar o namoro. No dia seguinte saía pelas ruas comentando tudo o que tinha visto. À noite, a velha Rocha entrava nos pastos onde tinha cavalos e vacas e fazia tranças na cola dos animais.

Estas são algumas das histórias que o povo comentava sobre a velha Rocha. Depois de um tempo ela se mudou para outro lugar e ninguém nunca mais soube nada desta terrível bruxa.

Luiz Bastiani

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

12 - O FEIJÃO NO FOGO

O marido da dona Doca trabalhava fora, então numa manhã lhe disse assim:

— “Ó Doca ,olha eu vou trabalhar e quero que tu botes o feijão no fogo,porque na hora em que eu chegar eu quero comer”.

— Ah !,tudo bem disse a Doca.

Quando o cara chegou ao meio-dia :

— Cadê o feijão, Doca?

_ Tu não mandaste eu botar no fogo? Eu botei . Joguei tudo no fogo.

Causo verídico contado por:

Valter José Pacheco

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha – SC.

13 - O VARTO

Eu passei um tempo fora da cidade. Depois eu cheguei novamente em Canelinha. E Dona Doca , a mãe do tal Joãozinho, ia passando olhou para mim e perguntou assim:

“Tu não és o Varto”?

Eu disse:

_ Não senhora, eu sou o Jorge Luís.

Ela disse:

_ “Meu Deus do céu, mas é quem vê o Varto.

Causo verídico contado por:

Valter José Pacheco

Canelinha – SC.

14 - A RÁDIO CONFUSÃO

O rádio sempre foi um aparelho indispensável na casa da qualquer família, mas no passado só era possível para quem morava nas localidades onde havia redes de luz elétrica. Mas lá pelos anos 60 apareceram no comércio os primeiros rádios receptores transistorizados que deu a oportunidade para as famílias que moravam no interior, ter seu radinho à pilha onde através dele ficavam informados de todos os acontecimentos e notícias da sua localidade, do estado, do Brasil e do mundo.

Os programas sertanejos lideravam a audiência, principalmente à noite, nas rádios de São Paulo. E com o crescimento dos rádios à pilha, principalmente aqui no interior de Canelinha, os rádio ouvintes tinham dificuldades em concertar seus aparelhos . Foi então que pensei em fazer um curso de eletrônica e em seguida instalei uma pequena oficina de concertos e montagem de qualquer tipo de

aparelho de som e eletro doméstico. Diariamente apareciam os fregueses trazendo seus rádios para o concerto e falando naquele linguajar sertanejo. Faziam quase sempre a mesma indagação: “O meu rádio tava tocando no programa do Jacó e Jacozinho e de repente parou in seco, o qui é que podia sê”? Como era impossível apontar o defeito sem antes fazer uma revisão, então eu falava: “Talvez na sua casa não tenha goteira?” Outros perguntavam se eu fazia pilhas de rádio. “Sim eu vou empilhando os rádios para não ocupar muito espaço”. E sempre novas histórias aconteciam com este povo humilde e laborioso.

Certo dia, por volta das duas horas da tarde, chegou à oficina, uma senhora trazendo no porta bagagem da bicicleta um rádio envolvido numa toalha. A mulher foi entrando mal humorada, ela demonstrava um desânimo, pediu um copo de água e começou a contar a história do seu rádio. A simpática senhora comentava que saiu para trabalhar na lavoura de fumo e deixou o seu menino em casa ouvindo o rádio sintonizado na rádio da sua localidade, que era a preferida. A mulher ao retornar do trabalho ligou o aparelho para ouvir a oração da Ave Maria, mas estranhou a voz da apresentadora, ela só falava em estrangeiro. No dia seguinte ligou novamente o rádio e ouviu uma nota de falecimento, mas não soube o nome do falecido e nem a hora do enterro. A mulher falava mais, dizia que o relógio deles estava doido, quando são oito horas, ele bate meia noite. O Onali fala tudo atrapalhado e não dá mais aquelas risadas como dava antes, a rádio virou uma torre de babel. Depois de ter ouvido os comentários a respeito do rádio desta mulher, tratei logo de desvendar o mistério, peguei o aparelho e coloquei em cima da mesa de trabalho. O rádio era da marca SEMP com quatro faixas de ondas. Ao ligar o misterioso aparelho ouvi o som do famoso relógio BIG-BEN batendo 18h00min e logo entendi que ele estava sintonizado na BBC de Londres, e a mulher ainda com dúvidas perguntava: “Vai ter concerto?” Sem dizer nada virei o botão para a faixa de ondas médias e logo apareceu uma música que era o maior sucesso da emissora naqueles tempos, a cobra sucuri do saudoso Teixeira.

Mesmo assim a mulher ainda tinha dúvidas. Somente ficou acreditando quando ouviu a voz do mais carismático locutor de rádio da região de Tijucas, o então jovem Onali Pereira de Melo, que entre outras palavras falou assim: “Querem saber a hora? Aqui na cidade onde ninguém anda descalço e nem tomam café amargo, são precisamente 14h e 20min! A mulher vibrou de alegria como se tivesse comemorando uma grande vitória.

Moral da história, o menino teria virado o botão da banda BROADCAST para SHORT WAVE.

Por Luiz Bastiani

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha-SC

15 - OS DOIS MEDROSOS

Aconteceu em Canelinha.

O primeiro estava com um carrinho de mão. Com medo de seguir o caminho sozinho, ele resolveu parar na venda do Seu Luca Santana e esperou uma companhia. Longe avistou um homem que também seguia sozinho, resolveu segui-lo, mas seu carrinho fazia um barulho estranho , fit... fiit..fiiit... O da frente, escutando o barulho, apressou o passo; o detrás também apressou seus passos. Ai é que o carrinho fazia o barulho mais alto, fiiit... fiiit... fiiit... O primeiro ele resolveu correr e o detrás também. Ai é que o barulho aumentou. O da frente nem olhou para trás e começou a correr como louco e parou no restaurante do Tio Cantório, morrendo de medo; o detrás também parou, pois o medo era grande e já era noite. Quando se encontraram, contaram o que aconteceu. Começaram a rir um do outro e rindo falavam: fiiit...fiiit...fiiit...fiiit... Nossa! Então não era fantasma?

Causo contado por:

Waltrudes Laus.

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha – SC.

16 - O CASO DOS BÊBADOS

Eu cheguei em casa às 10:00h e 30 min da noite e ali no bar do Osnildo tinha mais ou menos uns 5 ou 6 bêbados. Todos brincando, enchendo o saco, fazendo algazarra. E naquela época eu vendia artigos para presentes, revolver de espoleta, inclusive.

Havia dois bêbados daqueles que eu conhecia. Eu cheguei aqui na minha loja, peguei um revólver daqueles de plástico, chamei um bêbado e disse assim para ele:

- Ô amigo, tu faz o seguinte: bota todos no mato. Faz de conta que tu estás armado e diz assim: “Eu vou matar todos vocês!”

E ele respondeu:

Pode deixar comigo.

Nesse meio tempo, sem ele perceber, chamei mais dois bêbados e falei que havia dado um revólver de plástico para um rapaz. Se ele viesse com ameaças de sacar a arma, eles podiam tocar a mão na cara dele, pois o revólver era inofensivo.

E assim foi feito. Ele chegou, aquele a quem eu tinha dado o revólver de plástico e disse:

- Olha, eu vou matar todos vocês!

Aqueles dois que já sabiam que era de plástico responderam:

Vás matar é aqui! Puff! Deu uma briga grande.

Conclusão: foram todos os 6 presos, e ficaram a noite toda na cadeia, na delegacia aqui em Canelinha. E isso sem contar que quase foi preso o dono do bar, o Osnildo, o marido da Salvelina.

Válter José Pacheco.

Canelinha - SC.

17 - BAZAR DA FESTA

Festa de Santa Ana em Canelinha sempre foi sinônimo de grande movimentação em nossa casa. Roupas e calçados novos para todos, faxina geral na casa e muito trabalho para minha mãe que, após acompanhar meu pai e outras pessoas, de casa em casa, pedindo as prendas, ainda tinha que ajudar a limpar, temperar e assar as galinhas da festa. Mas tudo era feito com muita alegria.

Noite de sábado, praça da Igrejinha do Morro lotada para a missa que abriria a festa. Minha mãe estava escalada para trabalhar no bazar, onde como se sabe, tira-se um bilhetinho, pago com antecedência e o brinde que estiver escrito no mesmo, deverá ser entregue a pessoa que o tirou.

Como naquela época os brindes não eram muitos, pois a maioria das pessoas dava prendas em galinhas e porcos, colocavam-se balas para serem sorteadas. Não era muito agradável ganhar balas, mas enfim...

A festa corria bem e o bazar apesar dos muitos prêmios serem balas, fazia o maior sucesso. Até que, de tanto sorteá-las, as balas acabaram. E o cidadão que, na expectativa de ganhar um bom prêmio, abriu o bilhete e leu “balas”, queria porque queria as balas a que tinha direito.

Ofereceram-lhe outras coisas, já que balas não havia mais. Entretanto, o teimoso cidadão insistia em querer as balas, e minha mãe, já com os nervos à flor da pele saiu com essa:

- Some daqui, seu sem-vergonha, enquanto não mando uma bala no meio da tua testa, pois só uma bala de revólver pra acabar com a tua laia.

O cidadão constrangido mandou-se e anunciavam no bazar: “Quem ganhar bala leva bala”.

Maria Salete Montebeller

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha-SC.

18 - A DELEGACIA E OS DELEGADOS

Seu Cantório, o mesmo que dá nome à principal Avenida de Canelinha, merecido, diga-se de passagem, foi um dos delegados mais atuantes que se tem notícias.

Resolvia tudo no diálogo. Dificilmente prendia alguém. Seu jeito de ser pacificava a população.

Num desses casos em que era preciso ouvir testemunhas, seu Cantório viu-se atrapalhado para entender o que a mesma dizia.

O caso era o seguinte: um senhor veio à delegacia denunciar que havia sido espancado com uma vara usada para tocar o gado. Estava realmente com marcas que denunciavam o espancamento.

E seu Cantório ouvira do denunciante que um dos empregados da fazenda havia visto e que deveria ser ouvido.

Como bom delegado que era, seu Cantório mandou buscar o "Crioulo" para depor.

Assim que os policiais chegaram com a testemunha, uma tempestade ameaçava cair e percebia-se que não demorava muito.

O "Crioulo" sentou-se à frente do delegado Cantório e antes que o mesmo perguntasse sobre o ocorrido, disparou essa:

- Eu cheguei e "tô" peidando.

Cuma vara "tô" cagado.

Vo mijá que "tá" pingando.

Tradução:

"Eu cheguei e topei eles dando com uma vara de tocar o gado.

E eu vou-me já, que está pingando chuva".

É, ainda hoje é preciso conhecer a realidade e as diversas expressões regionais de nossa língua para poder atuar no serviço público.

As formas de expressão da população precisam ser entendidas e respeitadas.

Outro caso interessante é o da Senhora que vivia infernizando os moradores com fofocas e intrigas. Isso ainda é comum em cidades pequenas.

Interessar-se pela vida alheia, ainda é hábito de quem não tem o que fazer e daqueles que se sentem inferiorizados.

Pois um dia, não deu muito certo para a madame que vivia inventando fofoca. Alguém não gostou e deu-lhe uma bela surra. Esperto, só bateu na bunda.

No dia seguinte, o caso estava na delegacia e seu Cantório que sabia da língua comprida da mulher, com seus botões dizia: "Bem feito. Não fizeram mais que a obrigação."

Entretanto, como autoridade, tinha que ser imparcial. Sentou-se à mesa para ouvir a reclamante. A mesma denunciava a agressão e pedia providências imediatas. Seu Cantório então disse:

- Só posso lavrar o auto se me mostrares as lesões.

Ela, meio que constrangida, respondeu que não podia e ele então encerrou o caso, alegando falta de provas.

Outros delegados sucederam a Cantório e alguns deles marcaram pelo jeito de atuarem.

Um deles, sempre levava a mulher para a delegacia. Para que a mesma o aconselhasse e muitas vezes decidisse o caso.

Sempre que precisava da sentença, olhava para a esposa e ela decidia.

Numa questão séria, relacionada a roubo, o delegado diante dos fatos, olha para a esposa e pergunta: - O que faço com ele?

Ela, que estava de mau humor, cansada da incompetência do marido, responde: - Faz o que achares melhor.

O delegado olha para o meliante e diz: -Olha! Faz o que achares melhor.

O ladrão, imediatamente, sai pela porta em disparada e até hoje não foi encontrado.

Outro espaço que merece destaque na famosa Canelinha é o cartório. Seu Miguel Escrivão, figura lendária, inesquecível pelas tiradas irônicas. Mas, no cartório, era preciso atenção redobrada para não errar. Erro no cartório é coisa inadmissível. Entretanto, no meio de tantos registros, de tantos nomes e sobrenomes não há humano que resista.

Numa manhã de grande movimento, veio um pai registrar o nascimento do filho.

— Chama-se Diogo, disse o pai.

No meio da confusão, seu Miguel esquece o "o" e registra Digo. O pai, presente, daqueles que se preocupado com detalhes e que quer ver o nome que ele deu ao filho registrado em folha, protesta:

- Isso aqui não é Diogo, é Digo!

Seu Miguel, às pressas, constata o erro e imediatamente retifica no livro de assentamento:

Observação: No registro acima, onde digo Digo, não digo Digo, digo Diogo. Eta Canelinha.

Causo contado por:

Maria Salete Montibeller

Canelinha – SC.

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

19 - ME ELEJO OU ME "ALÉJO"?

Quem não conheceu, pelo menos de nome o seu Artur Polaco? Empresário famoso, político atuante, esposo de D. Mariquinha, uma das filhas de seu Cantório, de quem assimilou o jeito de ser irônico, e

muito engraçado. E na casa de seu Artur, trabalhou por muitos anos a Estefna, conhecida de todos por Estefa.

Estefa sempre votou nos candidatos do seu Artur, até porque, era tida como membro da família, patrimônio como ele dizia.

Mas, como em política tudo se permite e naquele ano seu Artur não estava muito envolvido na eleição para prefeito, Estefa se lançou candidata a vereadora por um partido que não era o dele.

Feliz da vida com a condição de candidata, mas preocupada com a opinião do político experiente, perguntou-o:

- Seu Artur, será que eu me "aléjo"?

Ao que prontamente seu Artur respondeu:

- Para mim, estás aleijada desde o dia que te candidataste por esse partido.

Causo contado por:

Maria Salete Montebeller

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha – SC.

20 - DEVAGAR COM O ANDOR QUE O SANTO É DE BARRO

Noite de sexta- feira Santa e Canelinha toda (menos os farristas) se concentravam no morro da Igrejinha para a procissão do Senhor Morto.

A procissão descia o morro e a imagem do Senhor e de Nossa Senhora já haviam cruzado a volta do seu Alcino carregadas por quatro homens e quatro mulheres, sob a luz das velas e os cantos da multidão que as acompanhava, quando ouviu-se um grito vindo da escuridão do morro:

-Lá vem o boi !!! A correria foi tanta que mal se conseguia uma malha de capim para agarrar-se e subir o barranco.

No desespero alguém gritava:

- Devagar ! Segurem o andor que o santo é de barro.

Depois de todo o tumulto, nada de boi. Era apenas brincadeira de um desocupado aficionado por farra de boi.

Causo contado por:

Maria Salete Montebeller

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha – SC.

21 - HISTÓRIAS DE CAÇADOR

Os colonizadores europeus quando chegaram aqui em nossa região, encontraram uma extensa mata nativa, onde havia muitas espécies de animais silvestres e os mais belos e variados tipos de pássaros que enfeitavam a floresta.

Os colônos da época, na falta de outros divertimentos, tinham para lazer uma espingarda de caça. Aos domingos e feriados convidavam seus compadres e partiam para o mato para fazer suas caçadas.

Meu saudoso pai Marcos Bastiani, que nasceu e sempre morou no simpático bairro da Índia, cidade de Canelinha, era um profissional competente no ramo de consertos de armas de fogo, uma profissão que a família Bastiani vem preservando desde quando imigraram para esta região, há cerca de 130 anos e que foi repassada de pai para filhos e netos e que continua até os dias atuais.

Ao se aproximar o inverno os caçadores já se preocupavam em consertar suas espingardas para garantir as caçadas. Os caçadores eram sempre contentes e bem humorados e muitos deles falavam no dialeto trentino, outros no estilo sertanejo. Quando chegavam aqui com suas armas, pegavam a cadeira para descansar e tiravam o cigarro de palha preso atrás da orelha e enquanto fumavam aquele fedorento palheiro, aproveitavam para contar suas histórias de caçadores. Uma mais engraçada do que a outra, muitas delas nem sempre eram verdadeiras.

Um dia apareceu um senhor alto com a pele tão escura que parecia um cacho de içara madura, trazia um facão na cintura e uma sacola na mão. O cidadão demonstrava ser um homem educado, pediu licença e tirou o chapéu, foi entrando na oficina, guardou o facão e fez questão de apertar a mão de todos que se encontravam presentes. Identificou-se com o nome ou apelido de Zicumba. O negrão tirou de dentro da sacola uma espingarda de dois canos calibre 28 muito bem conservada e pediu para meu pai consertá-la o mais rápido possível porque já estava praticamente vendida. Alguém perguntou porque iria se desfazer daquela relíquia tão valiosa. O negrão respondeu:

— Jurei nunca mais atirar com arma de fogo em nenhum animal selvagem. Mesmo que fosse uma onça pintada querendo avançar contra mim, pondo em risco minha vida.

Houve um pequeno silêncio, então o preto Zicumba pediu permissão para contar a sua dramática história:

Esta espingarda comprei de um fazendeiro.
Adquiri esta arma pagando muito dinheiro.
Ela já pertenceu ao atroz Martim Bugreiro.
Aquele caçador de índio cruel e bandoleiro.

Com a arma na mão eu era muito valente.
Dava cada tiro que o cano ficava quente.
Atirava em tudo o que vinha pela frente.
Cheguei a matar uma venenosa serpente.

Fui fazer uma caçada, o céu estava bonito.
Fazia muito frio o Sol clareando o infinito.
Era dia do meu fiel protetor São Benedito.
O que aconteceu comigo nem eu acredito.

Entrando pelo mato escutei um barulhão.
Avistei um macaco no galho do “jacutirão”.
Mandeí fogo o bicho veio direto pro chão.
O tiro roncou na floresta igual a um trovão.

Eu não esperava o que poderia acontecer.
Ela estava grávida com cria perto de nascer.
Ela gritava de dor, parecia querer dizer:
“Agora, comigo os filhotes vão morrer”.

Cavei uma sepultura com ajuda deste facão.
Enterrei a macaquinha com flores do sertão.
Chorando arrependido a Jesus pedia perdão.
Neste livro da vida aprendi mais uma lição.

Luiz Bastiani

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .
Índia – Canelinha – SC.

22 - A INAGURAÇÃO DO POSTO DE...

A cidade de Canelinha, após seu desmembramento do município de Tijucas, e ter o seu primeiro prefeito eleito na pessoa do ilustre

cidadão Bertoldo Manoel Cirilo, sua população deixou de lado os preconceitos políticos e todos passaram a trabalhar mais unidos, com o objetivo de ver o novo município crescer. Bertoldo Manoel Cirilo mesmo não tendo muito estudo, era um homem inteligente e trabalhador e com muita vontade de recuperar o tempo perdido quando Canelinha pertencia a Tijucas. Logo que assumiu a prefeitura, mesmo com poucos recursos disponíveis, tratou logo de construir estradas, como a da Galera até o topo morro do Rolador, onde hoje se pratica o esporte de asa delta, a estrada ligando o Moura São João Batista, a estrada do centro de Canelinha até a localidade de Oliveira no Município de Tijucas e ainda calçou a rua central. Ajudou a construir a majestosa igreja matriz que, além de ser um templo religioso, é um dos mais belos cartões postais da cidade. Também conseguiu trazer para Canelinha o curso ginásial que antes só havia o quarto ano primário. Batalhou para a construção da ponte de concreto ligando o Centro de Canelinha com as localidades rurais na margem direita do rio Tijucas, levou a rede de energia elétrica até a localidade do centro do Moura, que muito beneficiou aquela importante área rural. Foram inúmeras as obras realizadas por aquele grande prefeito Bertoldo Manoel Cirilo que, sem dúvida, foi um verdadeiro JK para o nosso município. E para completar a sua magnífica administração faltava ainda o posto de saúde de Canelinha, que com muito esforço e boa vontade conseguiu mais este grande benefício. Então foi marcado o dia da inauguração e lá compareceram as autoridades políticas e o povo em geral, e, como convidado especial, o Reverendo vigário da paróquia para dar a benção inaugural. O senhor Bertoldo Manoel Cirilo era proprietário de um posto de gasolina em Tijucas e naquele dia, como estava muito agitado, no momento de pronunciar o discurso, ele confundiu saúde com gasolina, e entre outras palavras falou o seguinte:

Meus amigos de Canelinha, é com muito prazer e alegria que hoje entrego para vocês mais uma obra da minha administração. Estou falando do posto de saúde que era uma velha aspiração da nossa população. Este posto de gasolina que estamos inaugurando é para as pessoas de todas as idades, quando precisarem é só chegar aqui no posto de saúde e falar com a secretária dona Graça e depois esperar que o Osní Cajebra avisa quando for a hora da consulta. E para finalizar as minhas palavras convido o reverendo vigário para benzer o nosso posto de gasolina. E a todos deixo o meu muito obrigado. Tenho dito!

O vigário ficou um pouco confuso e perguntou:

- Senhor prefeito, estamos inaugurando o quê?

Autor: Luiz Bastiani

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

bbastiani@bol.com.br

23 - UDN x PSD

Dois partidos rivais em tudo. Briga das boas em época de eleição. Muitas delas perduravam para sempre. Quem perdia, muitas vezes sujeitava-se a aturar foguetes por um longo tempo.

Naquele ano, Irineu Bornhausen ganhou para governador e seu Juvêncio, udenista do roxo como dizia meu pai, aparelhou-se de foguetes até os dentes, para infernizar o vizinho da frente, seu Lindolfo e o do lado, Luiz Picolli.

Comprou foguetes de vara que dava para soltar por um bom tempo. Guardou-os no depósito da venda e todo dia deixava um atrás da porta da cozinha para soltar bem ao meio-dia .

Numa manhã, a empregada que era nova na casa, procurava gravetos para acender o fogo no fogão, pois água na chaleira precisava ser fervida para o café.

Às pressas, parte a vara com foguete e tudo e larga debaixo da chapa. Ao acender o fogo, a explosão foi intensa. A chaleira e a chapa do fogão bateram no teto. A empregada salvou-se embaixo da mesa. O susto foi enorme, mas no outro dia, ao meio-dia, como de costume, o som do foguete ecoou e calou fundo no coração dos pessedistas.

Causo contado por:

Maria Salete Montebeller

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha – SC.

E o causo continua:

Anos depois, foi a vez dos pessedistas comemorarem:Ivo Silveira,Governador Eleito. Canelinha em polvorosa. Estávamos no colégio para as aulas à noite, quando um caminhão estacionou na saída e alguém gritou que quem quisesse ir na carreta da vitória, em São João Batista , que corresse e embarcasse.

Minha irmã e eu nos entreolhamos. Nossos pensamentos eram os mesmos: “O pai vai nos matar, mas não faz mal”. E lá fomos nós com todos os estudantes pessedistas que ali se encontravam. Ao

passar pela nossa casa, abaixamo-nos para que nosso pai não nos visse.

Caminhão cheio, fomos para São João Batista nos unir aos inúmeros outros que lá estavam. A USATI colocou toda sua frota na rua. Era povo que não acabava mais.

Entretanto, era preciso retornar. Na volta, ao passar pelo bairro da Índia a situação ficou dramática. Ovos podres e cocô de galinha. Parecia uma chuva de água podre. O fedor era tanto que a gente quase desfaleceu.

Chegamos a frente ao bar de seu Elpídio numa sujeira pura. O dono do caminhão, espantado com tanta sujeira exclamou:

- Trocaram meu caminhão. Quero-o de volta. Esse não é o meu!.

Causo contado por:

Maria Salete Montebeller

Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha .

Canelinha – SC.

24 - A COBRA QUE MAMAVA O LEITE DO BEBÊ

A cidade de Canelinha é cheia de causos e histórias... Contam os mais antigos que morava aqui no interior do município, uma mulher de aproximadamente uns 40 anos que teve um bebê. Esta senhora não tinha bons hábitos de higiene, não dava banho no bebê e tampouco lavava o seio antes de amamentar o seu filho.

A criança estava muito magrinha e desnutrida. O pai, preocupado quis saber o motivo. Levou a criança ao médico, mas de nada adiantou e ela acabou falecendo. Antes, porém, o pai descobriu a causa da desnutrição do seu filhinho.

Numa noite, ao voltar da caçada, ele encontrou o bebê, a mulher dormindo e um monstro de uma cobra mamando no seio da mãe, enquanto colocava a cauda na boquinha da criança.

Ulisses Lourenci

9 anos.

Canelinha-SC

25- BOI-DE-MAMÃO - UMA REFLEXÃO SOBRE CULTURA

Didi Silva

A morte da cultura popular depende do povo e dos governantes que nada fazem em prol desta tradição que é a brincadeira do boi de mamão. Aqui em Tijucas poucas localidades possuem o boi de mamão. Sendo que na Joaia um grupo de pessoas tenta manter viva a brincadeira do boi de mamão. O senhor CLAUDIO JOAQUIM DA SILVA era detentor de uma maestria na produção das peças do boi de mamão. Sendo que os personagens do boi de mamão, o boi, cavalinho, urubu, bernuncia, tinham movimentos que encantavam a todos pela sua graça e originalidade. Na parte musical e instrumental ocorre uma diversificação, pois para cada personagem uma música. As músicas mais cantadas pelo grupo são; Janeiro vai, janeiro vem, Tiro le, tiro le, Pele do porco, Bichinho da cidade, Eu entro eu saio, Brinca dindinha, Pés espalhados etc. Sendo que para cada personagem uma cantiga. Hoje sou detentor do conhecimento que me foi repassado pelo meu falecido pai e mãe, e estou lutando para resgatar a brincadeira do boi de mamão. Devemos fazer uma abordagem de todos os valores culturais que se perderam no tempo ou na falta de apoio. Quando se trata de cultura popular fica difícil se manter vivo dentro desta sociedade que vai matando aos poucos suas raízes culturais. Quando o povo quer ele faz e mostra para os governantes como se faz cultura, Pois sem apoio não poderemos continuar por muito tempo.

26-XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

INSCRIÇÕES – Inscreva-se você também.

Para o XIV Congresso: O Congresso será realizado no Espírito Santo de 24/29 novembro de 2009, e este é apenas um lembrete e um alerta.

01/06 a 31/09 – As inscrições para participar do Congresso poderão ser feitas até o dia da abertura, entretanto apenas as inscrições feitas neste período terão garantia de recebimento do material congressual.

Normas: A participação no XIV Congresso é aberta a todos os interessados mediante inscrição e pagamento da Taxa abaixo, que garante o material congressual, se feita no prazo estipulado.

Taxas:

Professor Universitário e Profissional de Nível Superior	R\$: 80,00
Servidor Público	R\$: 50,00
Professor de Educação Básica, Fundamental e Médio	R\$: 30,00
Estudante	R\$: 10,00
Membros de Grupos Folclóricos	R\$: 05,00

- O Certificado de Participação será concedido mediante a inscrição e comprovação de participação em ao menos 70% das atividades do Congresso
- A inscrição dá direito a participar de todas as atividades científicas e culturais do Congresso exceto o Curso de Capacitação para Educadores e as Oficinas, voltado exclusivamente aos que para eles se inscreverem

SIMPÓSIOS E COMUNICAÇÕES

Os Simpósios neste congresso ocupam o espaço dos Grupos de Trabalho dos congressos anteriores

Os Simpósios serão organizados por temas a partir das Comunicações inscritas.

As Comunicações podem ser resultados de pesquisa, projetos em andamento, monografias ou dissertações.

As Comunicações aceitas serão agrupadas em temas e áreas afins, formando os Simpósios Temáticos do Congresso.

Os Simpósios contemplarão uma Palestra sobre o tema, seguido da apresentação das Comunicações inscritas e aceitas.

Caberá à Comissão Científica em conjunto com a Comissão Organizadora do Congresso a definição do número de Simpósios e seus Temas.

Cada Simpósio terá um Coordenador e um Relator que ficará responsável, junto com a Comissão Científica pelo relatório final para a publicação.

A Comunicação inscrita deve sugerir três áreas temáticas da lista abaixo:

- 01- Meio Ambiente e Cultura popular
- 02- Folclore e Práticas Educacionais
- 03- Turismo e Folclore
- 04- Folclore nos Meios de Comunicação
- 05- Políticas públicas para o Folclore Brasileiro
- 06- Patrimônio Imaterial e Cultura Popular
- 07- Conhecimento Tradicional, Patrimônio e Direitos.
- 08- Folclore a contribuição africana e a organização quilombola.
- 09- Povos Indígenas e Cultura Popular
- 10- Contribuições Étnicas Européias no Folclore
- 11- Religiosidade Popular
- 12- Medicina popular: saberes e práticas
- 13- Memória e Oralidade
- 14- Folkcomunicação
- 15- Etnomusicologia
- 16- Folclore e Sistemas de Educação
- 17- Danças e Festas Populares
- 18- Lúdica Infantil
- 19- Artesanato
- 20- Folclore e Música Popular
- 21- Folclore e Cultura Capixaba
- 22- Ações em Rede no Folclore
- 23- Metodologia de pesquisa em folclore.

xivcongressobrasileiro@folclorcapixaba.org.br



3º FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS

7 A 11 DE JULHO DE 2008

FLORIANÓPOLIS - SC CAMPUS DA UFSC




**ESPAÇO
DE CULTURA
POPULAR**

Espaço destinado à difusão da cultura popular material e imaterial de Santa Catarina através da exposição e comercialização.

1ª Etapa:
 Segunda a sexta-feira,
 das 9 às 17h30min
 sábados, domingos
 e feriados, das 10 às 16h

Fundação Cultural de Blumenau
 Rua 29 de Abril, 161 - Centro
 Blumenau, SC - 89010-900
 (47) 325-9873
acsb@fcbu.com.br

patrocinado por:
 SAREB
 FINEC
 LIGIA
 FLORENÇA

patrocinado por:
 FINEC
 LIGIA
 FLORENÇA



www.fcbu.com.br

Foto: Tereza B. B.

IMPRESSO

Hermano do Vale Pereira
Presidente da Comissão Catarinense de Folclore
Av. Hercílio Luz, 1399 Edif. Costa do Marfim apto 702
89020-001 - Florianópolis/SC

10º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau

9 a 12 | Julho | 2009 | Blumenau | SC

Vila Germânica | Setor 1

Inscrições até 22 de abril

regulamento

Grupo Folclórico Os Cantores da Paz



Itajaí - Santa Catarina



CULTURA VIVA
Programa de Incentivo Cultural



GRUPO Acor do Sul Catarinense
Associação Cultural e Artística

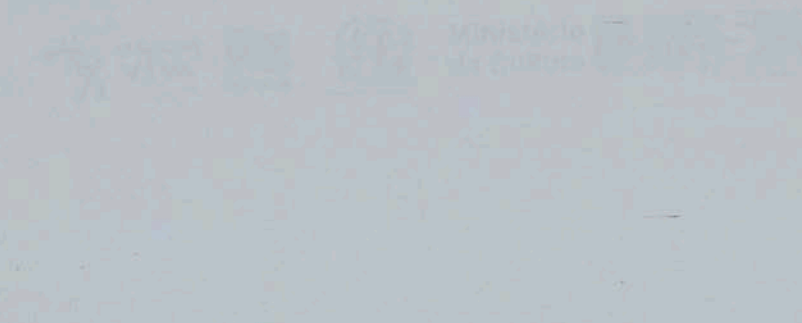
Ministério da Cultura

BRASIL
 UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



COMISSÃO CATARINENSE DE FISIOTERAPIA QUADRO DE ASSOCIADOS - 1987

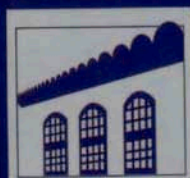
1. Dandross, José S.
2. Osvaldo Ferraz Jr. 942
3. Walter Fernando Mayer
4. Roberto M. A. Ribeiro
5. Nereu da Silva P. Jr. 944
6. João José Coelho
7. Mauro Soares
8. Antônio do Vale Pereira
9. Carlos Alberto Angiolini Vieira
10. José C. Augusto Ch. Rosa - Associação C. 943
11. José Carlos de Sá - Associação C. 945
12. José Carlos de Sá - Associação C. 946
13. José Carlos de Sá - Associação C. 947
14. José Carlos de Sá - Associação C. 948
15. José Carlos de Sá - Associação C. 949
16. José Carlos de Sá - Associação C. 950
17. José Carlos de Sá - Associação C. 951
18. José Carlos de Sá - Associação C. 952
19. José Carlos de Sá - Associação C. 953
20. José Carlos de Sá - Associação C. 954
21. José Carlos de Sá - Associação C. 955
22. José Carlos de Sá - Associação C. 956
23. José Carlos de Sá - Associação C. 957
24. José Carlos de Sá - Associação C. 958
25. José Carlos de Sá - Associação C. 959
26. José Carlos de Sá - Associação C. 960
27. José Carlos de Sá - Associação C. 961
28. José Carlos de Sá - Associação C. 962
29. José Carlos de Sá - Associação C. 963
30. José Carlos de Sá - Associação C. 964
31. José Carlos de Sá - Associação C. 965
32. José Carlos de Sá - Associação C. 966
33. José Carlos de Sá - Associação C. 967
34. José Carlos de Sá - Associação C. 968
35. José Carlos de Sá - Associação C. 969
36. José Carlos de Sá - Associação C. 970
37. José Carlos de Sá - Associação C. 971
38. José Carlos de Sá - Associação C. 972
39. José Carlos de Sá - Associação C. 973
40. José Carlos de Sá - Associação C. 974
41. José Carlos de Sá - Associação C. 975
42. José Carlos de Sá - Associação C. 976
43. José Carlos de Sá - Associação C. 977
44. José Carlos de Sá - Associação C. 978
45. José Carlos de Sá - Associação C. 979
46. José Carlos de Sá - Associação C. 980
47. José Carlos de Sá - Associação C. 981
48. José Carlos de Sá - Associação C. 982
49. José Carlos de Sá - Associação C. 983
50. José Carlos de Sá - Associação C. 984
51. José Carlos de Sá - Associação C. 985
52. José Carlos de Sá - Associação C. 986
53. José Carlos de Sá - Associação C. 987
54. José Carlos de Sá - Associação C. 988
55. José Carlos de Sá - Associação C. 989
56. José Carlos de Sá - Associação C. 990
57. José Carlos de Sá - Associação C. 991
58. José Carlos de Sá - Associação C. 992
59. José Carlos de Sá - Associação C. 993
60. José Carlos de Sá - Associação C. 994
61. José Carlos de Sá - Associação C. 995
62. José Carlos de Sá - Associação C. 996
63. José Carlos de Sá - Associação C. 997
64. José Carlos de Sá - Associação C. 998
65. José Carlos de Sá - Associação C. 999
66. José Carlos de Sá - Associação C. 1000



COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
QUADRO DE ASSOCIADOS – 2007

- 1.Doralécio Soares
- 2.Osvaldo Ferreira de Melo
- 3.Valter Fernando Piazza
- 4.Roberto Mündell de Lacerda
- 5.Nereu do Vale Pereira
- 6.Gelsi José Coelho
- 7.Maura Soares
- 8.Francisco do Vale Pereira
- 9.Carlos Alberto Angioletti Vieira
- 10.Acyr Osmar de Oliveira – Sucursal de Itajaí
- 11.Taiana Haelsner – Sucursal de Blumenau
- 12.Valter Osvaldo Sant'Ana
- 13.Jussara Bayer
- 14.Waldir Gomes
- 15.Leonir Pedro da Silva
- 16.Márcia Reis Bittencourt
- 17.Fernando de Souza
- 18.Leandro Micheli
- 19.Sílvio José Heunecke
- 20.Ignácio de Mendonça
- 21.Gabriela Pereira
- 22.Márcia Rosa da Conceição
- 23.Rúbia Cristina dos Santos
- 24.José Roberto Severino
- 25.José Bento Rosa da Silva
- 26.Dagoberto Coelho
- 27.Néríton Valério Martins
- 28.Maurício de Barcelos Sant'Ana
- 29.Ilse Maria Paulino Gomes
- 30.Jainara Reis
- 31.Maria do Carmo Tridapalli Fachini
- 32.Mariângela Leite
- 33.Flávio José Cardoso.

PATROCÍNIO:



POUSADA E
RESTAURANTE
DO MUSEU

*Tranquilidade, conforto
e boa comida na
Ilha da Magia.*



*Florianópolis
SC - Brasil*

COMPLEXO TURÍSTICO ECOCULTURAL DO RIBEIRÃO DA ILHA

POUSADA E RESTAURANTE DO MUSEU

Rodovia Baldicero Filomeno 10100/10106 – Ribeirão da Ilha
Florianópolis – SC – Fone: 48 3237-8148 Fax: 48 3237-8016

E-mail: ecomuseu@pousadadomuseu.com.br

Home Page: www.pousadadomuseu.com.br

VISITE O ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA

